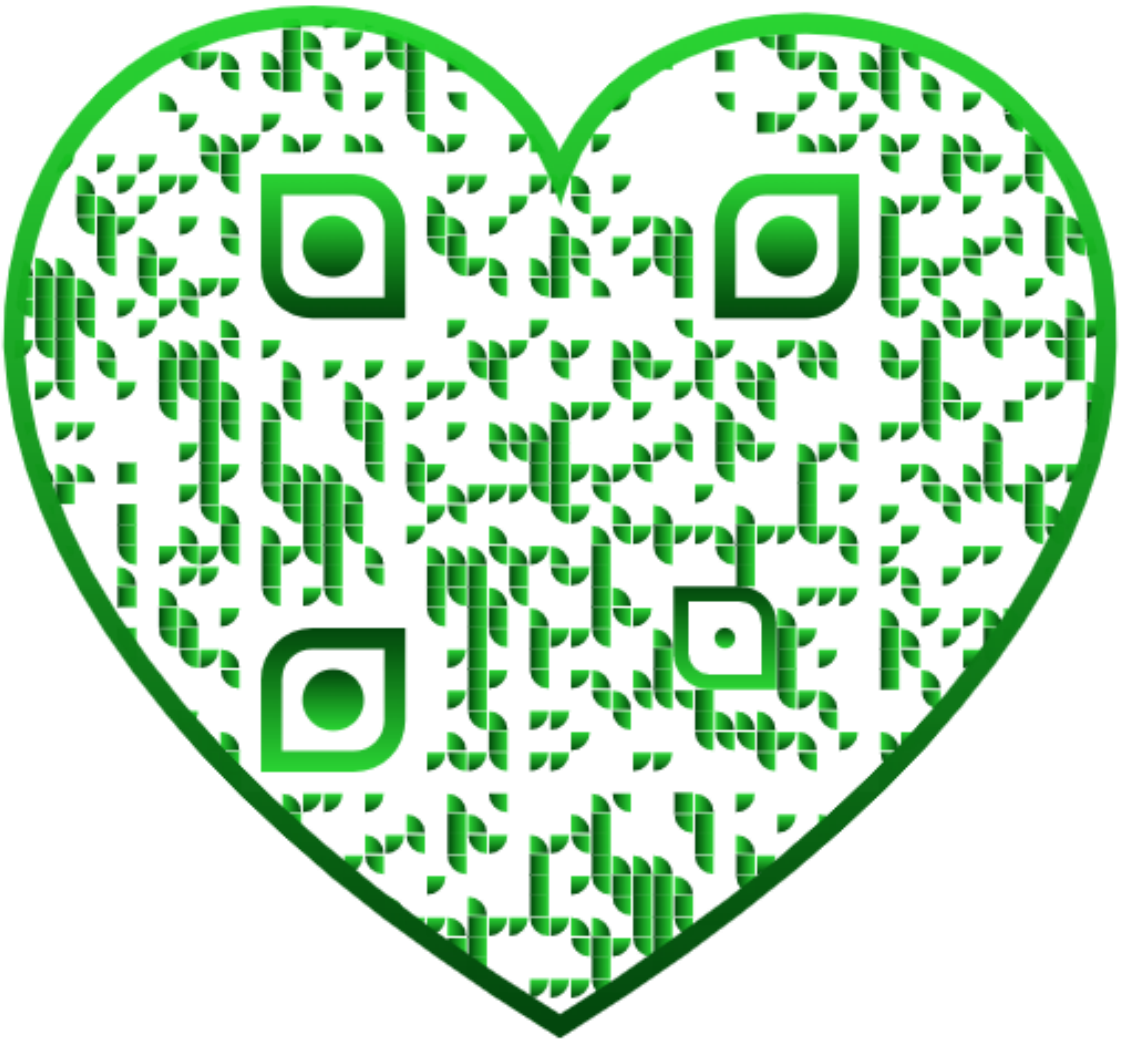
JESUÍTAS BRASIL

Cadernos
IHU ideias

ISSN 1679-0316 (impresso) | ISSN 2448-0304 (on-line)
Ano 22 | nº 357 | vol. 22 | 2024

Varsóvia e Gaza: dois guetos e o mesmo nazismo

Luiz Cláudio Cunha



Cadernos
IHU ideias
ISSN 1679-0316 (impresso) | ISSN 2448-0304 (on-line)
Ano 22 | nº 357 | vol. 22 | 2024

Varsóvia e Gaza: dois guetos e o mesmo nazismo

Luiz Cláudio Cunha

Jornalista e consultor da Comissão Nacional da Verdade no período 2012-2014

INSTITUTO HUMANITAS UNISINOS

UNISINOS

Cadernos IHU ideias é uma publicação digital do Instituto Humanitas Unisinos – IHU que apresenta artigos produzidos por palestrantes e convidados(as) dos eventos promovidos pelo Instituto, além de artigos inéditos de pesquisadores em diversas universidades e instituições de pesquisa. A diversidade transdisciplinar dos temas, abrangendo as mais diferentes áreas do conhecimento, é a característica essencial desta publicação.

UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS - UNISINOS
Reitor: Sérgio Mariucci, SJ
Vice-reitor: Artur Eugênio Jacobus

INSTITUTO HUMANITAS UNISINOS - IHU
Diretor: Inácio Neutzling, SJ
Diretor-adjunto: Lucas Henrique da Luz
Gerente administrativo: Nestor Pilz

ihu.unisinos.br

Cadernos IHU ideias
Ano XXII – Nº 357 – V. 22 – 2024
ISSN 2448-0304 (on-line)

Editor: Prof. Dr. Inácio Neutzling, SJ – Unisinos
Conselho editorial: Bel. Guilherme Tenher Rodrigues; Dra. Cleusa Maria Andreatta; Dr. Lucas Henrique da Luz; Dra. Marilene Maia; Dra. Susana Rocca; Dr. Ricardo de Jesus Machado.
Conselho científico: Adriano Naves de Brito (Unisinos, doutor em Filosofia); Angelica Massuquetti (Unisinos, doutora em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade); Berenice Corsetti (Unisinos, doutora em Educação); Celso Cândido de Azambuja (Unisinos, doutor em Psicologia); César Sanson (UFRN, doutor em Sociologia); Gentil Corazza (UFRGS, doutor em Economia); Suzana Kilpp (Unisinos, doutora em Comunicação).
Projeto Gráfico: Ricardo de Jesus Machado
Responsável técnico: Guilherme Tenher Rodrigues
Imagem da capa: Damage in Gaza Strip during October 2023 | Wikimedia Commons
Editoração: Guilherme Tenher Rodrigues

Cadernos IHU ideias / Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Instituto Humanitas Unisinos. – Ano 20. São Leopoldo: Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2003- .v. 21.
Publicado também on-line: <http://www.ihu.unisinos.br/cadernos-ihu-ideias>.
Descrição baseada em: Ano 1, n. 1 (2003); última edição consultada: Ano 19, n. 326 (2021).
ISSN 2448-0304
1. Sociologia. 2. Filosofia. 3. Política. I. Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Instituto Humanitas Unisinos.

Bibliotecária responsável: Carla Maria Goulart de Moraes – CRB 10/1252

As posições expressas nos textos assinados são de responsabilidade exclusiva dos autores.

Instituto Humanitas Unisinos – IHU
Universidade do Vale do Rio dos Sinos – Unisinos
Av. Unisinos, 950, 93022-750, São Leopoldo/RS, Brasil

Varsóvia e Gaza: dois guetos e o mesmo nazismo

...e a mídia finge não ver o Terror de Estado de Netanyahu!

Luiz Cláudio Cunha

Jornalista e consultor da Comissão Nacional da Verdade no período 2012-2014

Guetos de Varsóvia e Gaza: os vingativos exércitos de Hitler e Netanyahu massacram civis, mulheres e crianças

O judeu assassinado e o judeu assassino. Oitenta anos separam essa brutal metamorfose de um

povo perseguido em 1943 pela barbárie nazista na Polônia e convertido, em 2023, em um Estado vingativo que bombardeia impiedosamente hospitais, escolas, ambulâncias, mesquitas, mulheres, crianças e dois milhões de civis inocentes no enclave palestino de Gaza. A dramática inversão de papéis dos judeus atacados no Gueto de Varsóvia para os judeus atacantes no Gueto de Gaza – a inacreditável degeneração do judeu perseguido para o papel de judeu perseguidor – marca talvez o pior retrocesso moral e ético dos princípios civilizatórios de um povo no curto espaço das últimas oito décadas da Humanidade.

A impensável conversão de Israel ao horror nazista tem agora um pretexto de sangue e terror. O silêncio da manhã ensolarada de terça-feira, 7 de outubro, foi quebrado pelo silvo de aproximadamente três mil foguetes disparados de Gaza pelo grupo militar islâmico Hamas sobre a fronteira sul e cidades próximas de Israel, incluindo a capital, Tel-Aviv, apenas 70 km ao norte. Eram tantos foguetes no ar que o poderoso "Domo de Ferro", o sistema antimíssil de defesa de Israel que detecta alvos a até 70 km, ficou sobrecarregado e impotente diante de tantas ameaças desabando dos céus.

O pior viria a seguir. Os foguetes ainda fumegavam no ar quando um punhado de 1.500 homens da brigada Al-Qassam, o braço armado e terrorista do Hamas, ultrapassou as cercas da fronteira com tratores, motos e parapentes com duplas armadas de metralhadoras para o maior e mais brutal ataque ao território de Israel desde sua fundação, em 1948. Em poucas horas, em ação abominável, os terroristas massacraram quase 1.200 homens, mulheres e idosos, incluindo 33 crianças, numa operação que tinha como alvo indefesos civis is-

raelenses, não militares. Quando retornaram a Gaza, os atacantes do Hamas levaram 240 reféns, incluindo 40 crianças. Foi o maior atentado terrorista no mundo desde o 11 de setembro de 2001, quando 19 membros da Al-Qaeda de Bin Laden sequestraram quatro aviões comerciais nos Estados Unidos – atingindo entre eles as torres gêmeas de 110 andares do World Trade Center, em Nova Iorque. Naquele dia morreram 2.996 pessoas em quatro ataques, incluindo os 19 terroristas.

A ação da brigada assassina do Hamas destravou a linguagem mais encanzinada da elite governante de Israel, nivelando no fundo do poço a reação desproporcional de quem se move pela vingança, sem arrefecer sua fúria mesmo diante de bebês, crianças, mulheres e idosos palestinos. Líderes notórios máximos de Israel, incluindo generais, jornalistas, celebridades e destaques das redes sociais, se lambuzaram na defesa da punição coletiva em massa. Um constrangedor surto de desmemória para um povo que sempre lembra ao mundo a brutalidade de que foi vítima na barbárie do Holocausto nazista.

Os animais humanos

O primeiro ministro Benjamin Netanyahu declarou no mesmo dia do ataque um "estado de guerra" em Israel, e esbravejou com a convicção de quem não se envergonha de anunciar seu ímpeto homicida: "Vamos transformar Gaza em uma ilha deserta e mudar o Oriente Médio. O que faremos com nossos inimigos nos próximos dias repercutirá entre eles por gerações". Rápido no gatilho, o major-general Yoav Galant, ministro da Defesa de Israel, ecoou o chefe anunciando o inferno iminente: "Estamos lutando contra animais hu-

manos, e estamos agindo de acordo. Vamos impor um cerco completo a Gaza. Não haverá eletricidade, nem alimentos, nem água, nem combustível, tudo será cortado". A mulher de Netanyahu, Sara, embora psicóloga, completou o desatino numa entrevista de rádio em 10 de outubro, 72 horas após o ataque: "Não os chamo de animais humanos porque isso seria um insulto aos animais". Tsaji Hanegbi, conselheiro de Segurança Nacional, fez uma distinção para defender os bichinhos: "Dizem que terroristas são animais. Mas, quem tem um cão em casa, sabe que eles não são animais. São monstros".

Yinon Magal, apresentadora do Canal 14 de direita em Israel, trovejou na sua TV, uma semana após o ataque:"Apaguem Gaza. Não deixem ninguém lá". Na mesma emissora, um especialista militar de um instituto associado à Universidade de Tel Aviv, Eliyhau Yossian, insistiu: "Não existem inocentes em Gaza, apenas dois milhões de terroristas". O ministro de Segurança Nacional e líder de um partido de extrema-direita, Itamar Ben-Gvir, repetiu na TV o mantra que extravaza o terror dos atacantes: "Qualquer pessoa que apoia o Hamas deve ser eliminada".

Até o presidente Isaac Herzog, considerado a face moderada do governo mais extremista e ultradireita da curta história de Israel, perdeu a compostura e rotulou toda a população de mais de 2 milhões da Faixa de Gaza como terrorista, dando ao Hamas uma dimensão que ele não tem: "É uma nação inteira lá fora que é responsável. Não é verdade essa retórica de que os civis de Gaza não sabiam, não se envolveram. Absolutamente, não é verdade. Eles poderiam ter se levantado, poderiam ter lutado contra aquele regime maligno que

assumiu o controle da Gaza", protestou Herzog.

O desatino que afundou a cúpula governante de Israel na ideia de "punição coletiva, sem exceções" foi resumido, sem dó, por um dos militares mais influentes do país. Giora Eiland, 71 anos, hoje na reserva, é um paraquedista que chegou ao posto de general-brigadeiro e foi chefe em 2004, no governo linha dura de Ariel Sharon, do Conselho de Segurança Nacional. "Israel deve criar um desastre humanitário sem precedentes em Gaza. Somente a mobilização de dezenas de milhares e o clamor da comunidade internacional criarão a alavanca para que Gaza fique sem o Hamas ou sem pessoas. Estamos em uma guerra existencial". A elite governante de Israel assumiu, em poucas horas, o discurso do extermínio do povo palestino. O Fake Repórter, um equilibrado grupo israelense que monitora a desinformação e o ódio, anotou apenas 16 apelos para que Gaza fosse "achatada", "apagada" ou "destruída" nos 45 dias anteriores a 7 de outubro. Depois do ataque terrorista do Hamas, o sentimento de fúria varreu o país. Em poucas horas, o Twitter (atual X) foi invadido 18 mil vezes por expressões genocidas pedindo o apagamento, a destruição, o achatamento de Gaza e seu povo.

Licença para matar

Consumado o ataque de 7 de outubro, as duas nações militarmente mais poderosas do Ocidente, Estados Unidos e Reino Unido, se apressaram em dar um "apoio incondicional", sem meios-tons e sem ressalvas, a qualquer reação de Israel. O presidente Joe Biden e o premiê Rishi Sunak fizeram questão de ir pessoalmente a Tel Aviv para justificar uma irrestrita licença

para matar – ao melhor estilo 007 de James Bond – aos militares de Netanyahu: "Israel tem o direito de se defender", repetiram o americano e o britânico, sem esclarecer se isso incluiria o direito israelense de chacinar populações civis, mulheres e crianças e bombardear hospitais, escolas, ambulâncias e mesquitas.

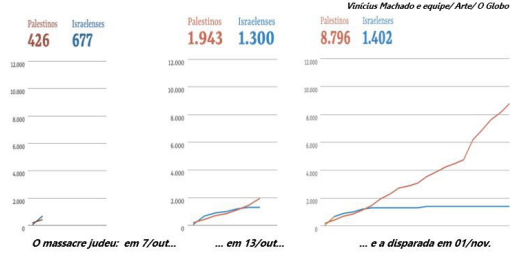
Belal Khaled/AFP

Mulher com a filha em Khan Younis, Gaza: o retrato pungente da guerra sórdida de Netanyahu

Resultado sangrento dessa barbaridade retórica de Washington e Londres: em quase quatro meses, até 16 de fevereiro (dia 133 do conflito), Israel usou e abusou de seu matador "direito de defesa" para liquidar 27.238 mil palestinos, incluindo 11.500 crianças e bebês e 8 mil mulheres – um total cerca de 24 vezes maior do que os israelenses mortos. E 66.452 mil palestinos foram feridos, incluindo mais de 8,6 mil crianças e 6,3 mil mulheres – sete vezes mais do que no lado israelense (8.730 feridos). A lista inicial de 1.405 vítimas

judias foi revisada para baixo, para 1.139 mortos, por dados consolidados do governo de Gaza, do Exército de Israel, do Crescente Vermelho, do Ministério da Saúde da Cisjordânia e da rede Al Jazeera. O porta-voz da chancelaria de Israel, Lior Haiat, reconheceu em 10 de novembro que o número caiu porque muitos corpos, não identificados, foram incluídos erradamente na contagem de israelenses mortos, mas descobriram depois que eram de "terroristas".

A curva desproporcional da violência que mata muito mais palestinos fica evidente num quadro montado pelo jornal O Globo para o período de 55 dias entre 7 de outubro, data do ataque, e 1º de novembro. A contagem começa com uma disparidade entre mortos árabes (426) e judeus (677), equilibra rapidamente quatro dias depois (1.126 palestinos e 1.200 israelenses), vira dois dias mais tarde (1.943 árabes mortos contra 1.300), e dispara numa curva ascendente até o primeiro dia de outubro (8.796 contra 1.402, na lista depois rebaixada para 1.200). O detalhe intrigante é que o total de mortos de Israel estabiliza seis dias após o ataque e mantém a regularidade daí em diante, enquanto as vítimas palestinas disparam geometricamente, dia a dia. Veja o quadro montado pelo O Globo quando o número de mortos superava os 10 mil:



A estatística do matadouro produzido por Israel em Gaza se renova e aumenta a cada hora assombrada por 200 ataques aéreos, como na madrugada de segunda-feira, 4 de dezembro. Nos primeiros seis dias de guerra, de acordo com o Exército israelense, foram jogadas em Gaza 42 bombas a cada 60 minutos. Segundo o escritório de Coordenação de Assuntos Humanitários da ONU (UNOCHA, na sigla em inglês), esse descomunal poder de fogo mata, por hora, 15 pessoas (seis delas crianças), fere outros 35 indivíduos e destrói 12 prédios. Já Agência para Refugiados Palestinos das Nações Unidas (UNRWA, na sigla em inglês), informou em 6 de novembro que um mês de guerra registrava, a cada 10 minutos, a morte de uma criança e ferimentos em outras duas. No início de dezembro, fontes da ONU calculavam mais de 360 mil residências (60% das moradias de Gaza) destruídas ou danificadas pelas dezenas de bombardeios aéreos diários, que atingiram 386 escolas, 122 ambulâncias, 56 mesquitas destruídas e outras 136 danificadas (matando 53 imãs e pregadores), deixando fora de ação 26 dos 35 hospitais de Gaza. Onze padarias foram demolidas, agravando o drama da fome numa população já privada de luz, de água e de combustível.

O paradoxo do QR Code

Na segunda-feira, dezembro 11, dia 66 da guerra, a contabilidade de mortos por Israel em Gaza chegou a 17.997, com mais de 49 mil feridos, segundo relato do UNOCHA. "Os crimes contra o povo de Gaza estão além de qualquer definição. Acabar com a existência palestina com o apoio americano e europeu é desumano", disse o porta-voz do ministério da Saúde, Ashraf al-Qu

Luiz Cláudio Cunha

dra.

"Leiam o QR Code": o panfleto absurdo de Israel com instruções aos palestinos, sem luz e sem internet.

A repressão de Israel aos que sobrevivem a tudo isso alcança o nível da esquizofrenia. Os militares de Netanyahu, que prometeu transformar Gaza em deserto, tentam cumprir a ordem para que 1,1 milhão de palestinos deixem o norte do enclave em direção ao sul. Aumentaram ainda mais a confusão ao publicar um mapa on-line em que Gaza é dividida em mais de 600 zonas numeradas com instruções para evacuar a região.

Alternando com as bombas, a Força Aérea jogou panfletos com instruções em árabe e um inacreditável QR Code detalhando as informações para uma população sem eletricidade e, portanto, sem internet. Assim, inacessível ao QR Code graças às bombas de Netanyahu... O dramaturgo romeno Eugène Ionesco (1909-1994) não conseguiu criar nada mais teratológico no seu teatro do absurdo.

A guerra contra crianças

A estatística terrível da guerra que Israel impõe sobre Gaza produz os números mais dramáticos entre as crianças. O conflito não tinha completado um mês, em 6 de novembro, quando o secretário-geral da ONU, António Guterres, alertou: "A Faixa de Gaza está se convertendo em cemitério de crianças". Um mês mais tarde, 6 de dezembro, este cemitério infantil alcançava 7.112 mortos em Gaza e mais 63 na Cisjordânia ocupada.

A caçada de Israel aos "terroristas": as tropas de Benjamin Netanyahu no combate implacável ao inimigo...

A conta da guerra de Israel contra as crianças em Gaza: em quatro meses, mais de 10 mil mortas

Enquanto Israel insiste no disparate de que todos os milhares de mortos que produz são sempre "terroristas", desprezando os civis atingidos como meros "danos colaterais", o Ministério da Saúde da Palestina contabilizou meticulosamente nos primeiros 18 dias do

conflito (até 25 de outubro), o nome, sobrenome, idade e sexo de todas as 6.700 vítimas fatais produzidas até então pelo massacre indiscriminado das tropas de Netanyahu.

A lista de mortos, revelada pela rede Al Jazeera, começa com os 133 bebês com menos de um ano de idade chacinados pelos militares de Netanyahu. O primeiro recém-nascido da lista é o menino Rayan Abdullah Zakaria Al-Astal. O último, até aquela data, é a menina Saba Ahmed Ali Al-Qazzaz. A lista fecha com o mais idoso palestino assassinado, Mahdiya Abdullah Abdul, Wahab Halawa, de 93 anos.

O meticuloso levantamento do Ministério da Saúde da Palestina, ao contrário da propaganda fútil de Tel Aviv, registra dados aterradores: 192 famílias perderam 10 ou mais membros para os bombardeios fatais de Israel. Outras 136 famílias lamentam a perda de 6 a 9 membros, enquanto 444 clãs perderam de 2 a 5 familiares. Mais do que 50 pessoas assassinadas tinham o mesmo sobrenome. A família Al-Astal perdeu 88 membros, os Hassouna velaram 73 mortos, os Al-Najjar lamentaram a morte de 66 familiares.

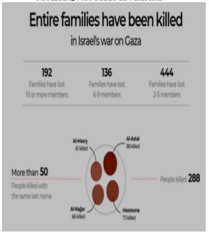
Al Jazeera/Min. Saúde da Palestina

The names of the people killed in Israeli attacks on Gaza

Search in table

Page 1 of 338

Name	Sex	Age
Rayan Abdullah Zakaria Al-Astal	male	0
Milan Yahya Youssef Al-Astal	female	0
Salam Wael Ahmed Al-Astal	male	0
Zein al-Din Suleiman Moin al-Najjar	male	0
Yasmine Ramez Abdul Razzaq El Masry	female	0
Maria Yasser Kamal Al-Masry	female	0
Aisha Jihad Jalal Shaheen	female	0
Rahima Saadi Mohammed Shaheen	male	0



Os 133 recém-nascidos mortos, 192 famílias com mais de 10 membros mortos: "terroristas", sugere Netanyahu

Na madrugada de 19 de outubro, 11 membros da família Bakri, fugitivos do Norte bombardeado de Gaza, procuravam abrigo no Sul, em Khan Younis, quando começou ali outro ataque da Força Aérea israelense. Eles estavam no térreo de um prédio de três andares, que desabou matando dez membros da família.

Morreram oito crianças, entre dois e cinco anos: Dyala, Ayman, Hamada, Zaker, Uday, Jamal, Nabil e Acil. Sobreviveu apenas o patriarca da família, Abu Mohammad Wafi al-Bakri, de 67 anos, que protestava: "Nenhum dos meus filhos tem ligação com organizações palestinas. Não havia homens na casa no momento do bombardeio".

A família Bakri no necrotério de Khan Younis: sete das oito crianças mortas pelas bombas de Israel

Os bebês putrefatos

Um vídeo perturbador de 2 minutos foi exibido no YouTube, em 30 de novembro, e teve mais de 5 milhões de visualizações em poucas horas, à medida em que se revelava a crueza das imagens. Mostrava os corpos em decomposição de quatro bebês prematuros encontrados fora da incubadora, abandonados, numa enfermaria deserta do hospital de crianças de Gaza.

(https://www.youtube.com/watch?v=dVwaLUT-BIOM)

As legendas do vídeo distribuído pela rede de TV Al Mashhad, de Dubai, relatam o espanto com a cena: "Vários bebês prematuros foram encontrados mortos no hospital pediátrico Al Nasr, em Gaza, semanas após suas famílias e a equipe do hospital serem forçados a evacuar o prédio por soldados israelense". As imagens do berçário, com os bebês desfocados, têm a seguinte descrição: "Este é o interior da sala de emergência do Al Nasr Children Hospital. Você verá cenas terríveis neste hospital. Bebês prematuros que as forças israelenses se recusaram a desocupar da enfermaria. Seus pais foram forçados a dizer adeus aos seus recém-nascidos e deixá-los morrer em seus berços".

O vídeo mostra [fora de foco] os corpos em decomposição dos bebês em seus berços, infestados de vermes.

A guerra sem limites de Israel: bebês em putrefação no Al-Nasr, recém-nascidos fora da incubadora no Al Shifa

O hospital Al-Nasr, no norte da Cidade de Gaza, foi inicialmente declarado inoperante pelos bombar-

deios aéreos de 10 de novembro, o que levou à morte de um bebê devido à falta de oxigênio. O hospital foi depois cercado por tanques e todos no seu interior foram forçados a se retirar no prazo de 30 minutos. Um clínico contou que o Exército israelense não permitiu que a equipe médica levasse os bebês prematuros. Como resultado, cinco recém-nascidos foram deixados para trás – e seus corpos, já em decomposição, foram encontrados no final de novembro no berçário abandonado. Outros 30 recém-nascidos foram retirados de suas incubadoras, desativadas pelos bombardeiros que cortaram a energia no hospital Al-Shifa – o maior de Gaza, com dois mil pacientes e 500 profissionais de saúde – e levados para outros locais. Quatro morreram antes de embarcar na ambulância. Para descrever o cenário de sofrimento que as Forças de Defesa (!?) de Israel comandadas por Netanyahu infligem à população indefesa de Gaza, o escritor polaco-britânico Joseph Conrad (1857-1924) teria que reescrever uma versão atualizada do seu clássico Coração das Trevas: "O horror! O horror!"...

Os militares israelenses sempre dizem que estão definindo "zonas seguras" para civis, mas a afirmação é abafada pelo estrondo das bombas que não param de cair. Mais de um milhão de palestinos foram tangidos, como gado, da zona Norte de Gaza para o Sul, na esperança de que a situação melhorasse. Mas a Força Aérea de Netanyahu concentra agora seus bombardeios justamente no setor meridional de Gaza, provocando um impasse existencial na multidão aterrorizada. O porta-voz da agência de ajuda às crianças da ONU, James Elder, criticou: "Essas 'zonas seguras' correm o risco de serem apenas zonas de doença e sofrimento humano", disse em mensagem de áudio no Twitter (agora

X). "Num abrigo em Gaza, atualmente, existe um banheiro para 400 famílias. E são dezenas de milhares de pessoas. Pela lei internacional, elas deveriam ter água, alimentos, suprimentos médicos e abrigo".

Yaser Abu Asi, um palestino expulso de sua casa pelas tropas israelenses, definiu para a rede Al Jazeera o drama de milhões de pessoas: "O problema é que se não morrermos nos bombardeios, morreremos de doenças. Não há comida nem água. Há suprimentos que chegam em caminhões, mas não sei para onde vão. Não vemos nada. Estou aqui há duas semanas. Como vamos sobreviver com nossos filhos?". Em apelo tocante que não alcança os ouvidos dos líderes mais importantes do Ocidente, Yaser suplicou: "Ninguém se importa conosco. Abram as fronteiras para que possamos sair. Não somos animais. Somos seres humanos. Estamos aqui apenas esperando pela morte. Por favor, façam algo por nós!"

A MORTANDADE POSITIVA DE CIVIS

A surdez da maior potência militar do planeta ficou expressa no sábado, 9 de novembro, em que Yaser fazia, em vão, a sua súplica inútil. Naquele mesmo dia, o governo dos Estados Unidos usou uma autorização de emergência, que não precisa de aval do Congresso, para liberar a venda de 14 mil cartuchos para tanques das forças blindadas de Israel. O Pentágono anunciou no sábado que o Departamento de Estado, com base na Lei de Controle de Exportação de Armas, autorizou o negócio de US$ 106 milhões em munição para os tanques de Netanyahu. Uma ação de cumplicidade na guerra coerente com a única grande potência que, por três vezes, vetou no Conselho de Segurança da ONU

uma crucial resolução de cessar-fogo em Gaza, aprovada por todos – menos pelos Estados Unidos de Joe Biden.

Militar diz na CNN que Israel mata só dois civis por cada terrorista: "Proporção tremendamente positiva".

Com a cara impassível dos inocentes, o porta-voz da Forças de Defesa de Israel (IDF, na sigla em inglês), o tenente-coronel Jonathan Conricus, admitiu em entrevista na noite de terça-feira, 5 de dezembro, para a âncora da CNN Erin Burnett que Israel mata "apenas" dois civis palestinos para cada militante do Hamas: "É uma proporção tremenda, tremendamente positiva, talvez única no mundo", festejou o militar, sem reparos a essa métrica funesta do Governo Netanyahu.

"Em comparação com qualquer outro conflito em terreno urbano entre uma organização militar e uma terrorista, integrada na população civil e usando civis como escudos humanos", reforçou ele, "é uma proporção tremendamente positiva".

Um porta-voz da ONU classificou o cínico comentário de Cornicus como "de mau gosto". O deputado

democrata Seth Moulton, veterano das tropas americanas no Iraque e integrante do Comitê das Forças Armadas da Câmara dos Deputados, em Washington, disse que o comentário do porta-voz de Israel estava "totalmente errado".

Ibraheem Abu Mustafa/Reuters *Belal Khaled/Anadolu Agency*

A usina letal de Gaza: a cada civil morto, mais 10 "terroristas" são recrutados pelo Hamas

O parlamentar americano citou um estudo patrocinado pelo general da reserva dos EUA Stanley McChristal indicando que, para cada civil morto, outros 10 "terroristas" são recrutados pela guerrilha na população traumatizada pela violência dos ataques. Moulton explicou o tiro pela culatra que a brutal reação militar israelense provoca: "Israel diz que matou até agora 5 mil terroristas do Hamas. Mas, nessa conta, a guerrilha recrutou cerca de 50 mil novos militantes. E essa é uma péssima notícia para Israel".

Equidistante entre judeus e muçulmanos, o líder da Igreja Católica – a quem os fiéis atribuem o papel de representante da suprema divindade na Terra – subiu no muro das lamentações em audiência pública no Vaticano, em 22 de novembro, para assumir uma crítica posição moral que nenhum líder do mundo

ousou declarar: "Isso não é guerra, é terrorismo", explicou serenamente o argentino Francisco, o papa de 86 anos. Como não fez nenhuma ressalva, Francisco amaldiçoou numa única frase e botou no pórtico do inferno, lado a lado, o Terror de Estado de Israel impiedosamente nivelado ao terror da guerrilha do Hamas. Como diria o democrata Moulton, essa é outra péssima notícia para Israel...

O avatar nazista do premiê

Em um de seus primeiros rompantes, logo após o encontro com o premiê do Reino Unido, o líder sionista Benjamin Netanyahu comparou o Hamas ao exército genocida de Adolf Hitler: "São os novos nazistas", rotulou o premiê de Israel – usando um temerário termo de comparação que, mais do que indignação, trai um lampejo de identificação entre exércitos profissionais que, ontem e hoje, usaram e usam métodos e práticas que o mundo civilizado e seres humanos repudiam. Os "novos nazistas", na realidade, são as tropas israelenses que fazem agora o mesmo que fizeram os batalhões sanguinários dos velhos nazistas de Hitler, que mostravam obsessão contra os judeus – assim como os judeus da tropa de Netanyahu são obcecados hoje contra os palestinos.

Aqui, uma comparação útil entre o poder letal da força aérea de Netanyahu e o da Luftwaffe, a aeronáutica de Hermann Goering e Adolf Hitler. Na blitz de 1940, desencadeada no início da Segunda Guerra Mundial para dobrar a resistência inglesa, os bombardeiros nazistas jogaram 30 mil toneladas de explosivos – 19 mil toneladas apenas sobre Londres – em 127 ataques sobre a ilha britânica. Esse inferno durou de setembro

de 1940 a maio de 1941, oito meses em que os nazistas do III Reich mataram 43 mil pessoas, feriram 51 mil e deixaram sem teto outras 2,2 milhões – exatamente a população da Faixa de Gaza. Agora, em apenas quatro meses, metade do tempo gasto pela Luftwaffe na Inglaterra, os bombardeios de Israel já mataram mais de 27 mil palestinos. Nesse ritmo, quando chegar o oitavo mês de guerra – em maio de 2024 –, Netanyahu terá na coronha de seu revólver a marca de mais de 54 mil mortos, superando os nazistas em Londres. Hitler não faria melhor...

A lição da História recente, como se provará adiante, mostra uma desconcertante semelhança que, mais do que uma farsa, repete a tragédia que desafia os padrões morais e éticos da humanidade.

Netanyahu, como judeu, deve saber que está cometendo uma desumana operação militar contra civis em Gaza. Deveria saber e também lembrar, porque ela nem é inédita. Hitler fez o mesmo que ele em Varsóvia, 80 anos atrás, com a mesma violência e um saldo semelhante de vítimas.

Hitler contra os judeus e Netanyahu contra os palestinos são a mesma e dupla face do Terror de Estado que massacra povos e suas liberdades. O historiador uruguaio Enrique Serra Padrós, da UFRGS, a universidade federal gaúcha, definiu em 2007 o Terrorismo de Estado como um sistema de controle tirânico ao qual recorrem setores dominantes quando fortemente ameaçados. Um Estado implementa tal sistema quando, a partir de uma lógica de uso ostensivo da repressão, ameaça indivíduos ou grupos de uma sociedade, restringindo direitos humanos. É o que aconteceu na década de 1970 com as ditaduras militares do Cone Sul da

América Latina, que coordenaram e executaram crimes transnacionais com a Operação Condor. É também o que ocorreu, três décadas antes, no Gueto de Varsóvia – e se repete agora, no Gueto de Gaza.

Para mútuo desconforto de seus admiradores, Benjamin e Adolf – sabemos agora – são parecidos em atos, fatos e responsabilidades. Mas existe um nazista mais assemelhado, por prática e métodos, com o líder de Israel. É o tenente-general da SS nazista Jurgen Stroop, que aos 47 anos – seguindo ordens expressas de Hitler – exterminou em 1943 o que restava do Gueto de Varsóvia e seus 400 mil habitantes, o maior dos 400 guetos que o III Reich disseminou pela Europa ocupada.

Oitenta anos depois, o líder sionista Benjamin Netanyahu, aos 74 anos, replica o general da SS com seu radical projeto de extermínio no Gueto de Gaza, hoje a maior prisão a céu aberto do mundo, onde sobrevivem – cercados, sitiados, esfomeados, bombardeados, aterrorizados – mais de 2 milhões de pessoas.

O nazista Stroop e o sionista Netanyahu: orgulhosos pelo desempenho de suas tropas em Varsóvia e Gaza

Netanyahu faz em 2023, em Gaza, o que Stroop fez em 1943, em Varsóvia. O mundo que ficou chocado ao conhecer a dimensão da chacina de Varsóvia agora

se mostra passivo diante do massacre diário de Gaza, mesmo com suas imagens dramáticas transmitidas ao vivo e a cores pela TV, pela internet, pelos celulares, pelas redes sociais.

É mais do que útil, é necessário lembrar e mostrar o assustador paralelo entre as duas chacinas para cutucar consciências, afligir os consolados e indignar ainda mais os aflitos.

Os 350 mil judeus eram um terço da população de Varsóvia antes da II Guerra Mundial. A capital polonesa abrigava a maior comunidade hebraica da Europa, então o centro da vida e da cultura daquele povo. Era a segunda maior cidade judaica no mundo, atrás apenas de Nova Iorque. A cidade caiu sob o domínio nazista no final de setembro de 1939, um mês após a invasão do país que iniciou o conflito mundial. Passado um ano, em outubro de 1940, os alemães confinaram os judeus num gueto espremido de 3 km², que possuía apenas 2,4% da área de Varsóvia. Em 16 de novembro, os nazistas obrigaram os judeus a construir um muro de tijolo de três metros de altura cercando o gueto. Não era tão imponente quanto o muro que Netanyahu mandou fazer pra cercar Gaza oito décadas depois – um colosso de concreto de 65 km de extensão, torres de vigilância, alta tecnologia, seis metros de altura e vinte metros abaixo do solo para prevenir o uso de túneis, que levou três anos para ser erigido até 2021, ao custo de mais de US$ 800 milhões.

Guetos de Varsóvia e de Gaza: o muro judeu é bem maior que o nazista, mas a estupidez do cerco é a mesma

Ali começaram a morrer os judeus de Varsóvia. A população segregada e sem trato sanitário começou a ficar doente, atacada pelo tifo, uma doença epidêmica transmitida por piolho e pulga, que provocam febre, dor de cabeça e erupções na pele. Junto veio a fome. Os judeus do gueto nazista tinham uma ração diária de 184 calorias, o equivalente a um único ovo cozido. Fora do gueto, os polacos tinham direito a 1,8 mil calorias e os alemães, a 2,4 mil. O repasto nazista equivalia a um quilo de peito de frango grelhado, dois ovos cozidos e dez batatas. Por dia. A maior diferença do gueto de Varsóvia sobre Gaza é que, na Polônia, os judeus não engoliam a ração indigesta de 42 bombas por hora e a rotina de até 200 rasantes diários da Força Aérea que o judeu Netanyahu vomita sobre os palestinos em Gaza.

Os líderes decentes do extermínio

Na origem do instinto que exterminou o gueto de Varsóvia está a figura sinistra de Heinrich Himmler, líder da SS e da Gestapo, a polícia secreta

do Reich, comandante supremo dos 20 mil campos de concentração e extermínio espalhados por 12 países, além da Alemanha, onde aconteceu o genocídio de 6 milhões de pessoas. O viés psicopata de Himmler ficou expresso num trecho da fala de três horas que ele fez para oficiais da SS no hotel Ostland, da cidade de Poznan, na Polônia ocupada, às 5h30 de 4 de outubro de 1943, cinco meses após o fim do gueto de Varsóvia: "A maior parte de vós deve saber qual o aspecto de cem cadáveres estendidos lado a lado, ou de quinhentos, ou até mil... Ter abatido essa gente toda de uma só vez e mantermo-nos pessoas decentes foi isso que nos fortaleceu. Essa é uma página de glória como foi escrita e nem voltará a escrever-se na nossa história".

É um dos poucos momentos gravados em que um líder nazista disserta abertamente sobre o Holocausto. Na fala, que teve parte lida no tribunal de crimes de guerra que julgou os nazistas derrotados em Nuremberg, Himmler diz: "Entre nós deve-se falar abertamente sobre isso, apesar de que jamais falaremos sobre isso em público – digo, sobre a evacuação judaica, sobre a extinção do povo judeu".

Oito meses depois, em 24 de maio de 1944, com a frieza do Reichsführer SS metódico que executava a "Solução Final" nos seus campos de extermínio, Himmler confessou sua convicção genocida numa preleção para generais alemães:

> A Questão Judaica foi, […] segundo as ordens e o discernimento racional, resolvida de modo inclemente. Acredito que os senhores me conhecem o bastante para saber que não sou uma pessoa violenta, e que não sou um homem que vê prazer ou diversão em qualquer atitude brutal. Por outro lado, tenho nervos bons o bastante e um senso de responsa-

> bilidade tão grande […] que, quando percebo que algo é necessário, faço-o sem concessões. Não me senti no direito – e isso refere-se às mulheres e crianças judias – de permitir que nas crianças cresçam os vingadores que matariam os nossos filhos e os nossos netos. Isso seria covardia. De maneira que a questão foi resolvida de maneira inflexível.

Existe aqui uma inquietante, assustadora identidade entre a afirmação letal de Himmler e a determinação do Netanyahu de exterminar até crianças na Faixa de Gaza em sua cruzada a ferro e fogo – sem concessões – contra os militantes do Hamas, para resolver a questão palestina de maneira inflexível. E todos sabem que o decente Netanyahu não é uma pessoa violenta, não é um homem que tenha prazer ou se divirta em qualquer atitude brutal...

Himmler e Netanyahu: inclementes, não violentos, sem atitudes brutais. Enfim, pessoas decentes...

O gueto de Varsóvia começou a esvaziar, estranhamente, entre julho e setembro de 1942. Mais de 300 mil judeus foram embarcados em trens com vagões de carga que paravam, uma hora depois, em uma pequena

estação 106 km a nordeste da capital: Treblinka.

Ela entraria para a História como o segundo mais mortal campo de extermínio comandado por Himmler, superado apenas por Auschwitz. Foi o primeiro campo onde, além das câmaras de gás, havia também fornos para a cremação dos cadáveres, que reduzia vestígios do genocídio. Até a desativação de Treblinka, em outubro de 1943, foram exterminadas ali entre 700 mil e 1 milhão de pessoas.

Os sobreviventes no gueto perceberam que aqueles trens sinistros cumpriam um roteiro sem volta. Em vez de embarcar naquela viagem derradeira, os judeus inconformados decidiram fazer um levante para não morrer passivamente. Formaram a Organização da Luta Judaica (ZOB, sigla em polonês de Zydowska Organizacja Bojowa) e a União Militar Judaica (ZZW, sigla da Zydowki Zwiazek Wojskowi), uma força precária de 750 combatentes improvisados e armados apenas com duas metralhadoras, 15 rifles, 500 pistolas, algumas granadas e coquetéis molotov. A ZOB e a ZZW de Varsóvia correspondiam na Gaza atual aos combatentes do Hamas (que significa "força" ou "bravura"), acrônimo árabe para Movimento de Resistência Islâmica. Do ponto de vista do opressor, a única diferença é o uniforme de quem oprime. As organizações judaicas de 1943 representavam o sentimento da resistência ao opressor nazista, que as rotulavam como terroristas. Assim como os resistentes do Hamas, agora, são carimbados como terroristas pelo opressor sionista. Os papéis se invertem, na História, mas as circunstâncias são semelhantes.

O conflito, que ficou conhecido como o Levante de Varsóvia, começou em 18 de janeiro de 1943, quando

batalhões da SS que marchavam para o gueto foram atacados pelos rebeldes, que forçaram os nazistas a uma humilhante retirada. Três dias depois, formando uma trincheira na rua Niska, os judeus atacaram, matando doze soldados alemães. Os transportes foram interrompidos por quatro dias e as organizações judaicas assumiram o controle do gueto. Nos três meses seguintes, os judeus cavaram túneis por baixo das casas, aproveitando o sistema de esgoto e de abastecimento de água. Montaram um sistema de defesa mais mirrado do que a sofisticada rede de túneis construída em Gaza pelo Hamas, que tem cerca de 500 km subterrâneos – mais extensa do que o metrô de Londres, o mais antigo (1893) do mundo, com 408 km. Em Varsóvia e em Gaza, os túneis eram suporte da resistência, não apoio do terror.

A ZOB sabia que a luta heroica não era capaz de libertar o gueto nem destruir as forças nazistas, mas tinha o consolo de garantir uma morte digna. Furioso pela insolência, Heinrich Himmler ordenou ao general Jürgen Stroop que destruísse o gueto de Varsóvia, com prazo final: meados de fevereiro de 1943.

Netanyahu não estipulou nenhum limite de tempo para a destruição de Gaza. Ao lado do premiê britânico, Rishi Sunak, o líder sionista avisou em 19 de outubro, quando a lista de mortos em 11 dias já passava de cinco mil: "Esta é a guerra moderna contra os bárbaros, os piores do planeta. Será uma guerra longa", alertou o líder israelense.

O general Stroop [ao centro] faz em Varsóvia o que Netanyahu não faz em Gaza: confere a destruição do gueto

O massacre final dos bárbaros de Varsóvia começou na noite de domingo, 19 de abril de 1943, quando três mil homens das tropas nazistas, incluindo 820 soldados da Waffen-SS subordinada diretamente a Himmler, confrontaram a resistência de 1,5 mil moradores. Os combatentes judaicos dispararam e atiraram granadas contra patrulhas alemãs a partir de becos, esgotos, janelas e sótãos. Os nazis responderam explodindo as casas, bloco por bloco, Stroop deu ordens para usar lança-chamas e incendiar todos os edifícios, cercando e matando todos os judeus capturados. Mulheres saltaram dos andares superiores com os filhos nos braços. Os últimos rebeldes foram cercados em 8 de maio. Stroop relatou a captura de 56 mil judeus, dos quais 42 mil foram deportados para campos de concentração. Os que ficaram no gueto foram executados pelos nazistas. Os alemães perderam 17 soldados e tiveram 93 feridos.

A VISÃO MARAVILHOSA DO GENERAL

O último ato para marcar a extinção do gueto foi a destruição do símbolo maior da vida judia na Polônia, a grande sinagoga de Varsóvia, o prédio neo-

clássico que era então a maior casa de culto judaico do mundo, com capacidade para duas mil pessoas.

A sinagoga de Varsóvia, a maior do mundo, de pé e destruída: "Que visão maravilhosa", diz o general nazista

Stroop descreveu a cena, quase em êxtase, para o polonês Kazimierz Moczarski,,com quem dividiu uma cela por 255 dias após a guerra. O relato está no livro Conversas com um Carrasco:

> Decidi concluir a Grossaktion [grande ação] no dia 16 de maio de 1943, às 20h15, com uma bela moldura do encerramento oficial da Grande Sinagoga da rua Tłomackie. Os preparativos duraram 10 dias. Tivemos que esvaziar o seu interior e fazer centenas de buracos nas suas fundações e paredes para colocar os explosivos. A sinagoga era um edifício solidamente construído. Então, para explodi-lo imediatamente, tivemos que realizar laboriosos trabalhos elétricos de demolição.
>
> Que visão maravilhosa foi aquela! Uma fantástica peça de teatro. Minha equipe e eu ficamos à distância. Segurei o dispositivo elétrico que detonaria todas as cargas simultaneamente. Meu assessor pediu silêncio. Olhei para meus bravos oficiais e homens, cansados e sujos, recortados contra o brilho dos edifícios em chamas. Depois de prolongar o suspense por um momento, gritei 'Heil

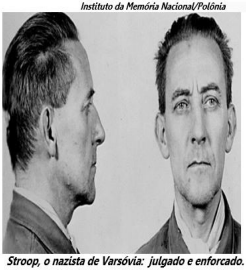
> Hitler!' e apertei o botão. Com um estrondo ensurdecedor e um arco-íris de cores, a explosão de fogo subiu em direção às nuvens, um tributo inesquecível ao nosso triunfo sobre os judeus. O Gueto de Varsóvia não existia mais. A vontade de Adolf Hitler e Heinrich Himmler tinha sido feita.

Stroop decidiu registrar essa epifania na capa da súmula que mandou para Himmler: "O bairro judeu de Varsóvia não existe mais!!" é o título do Relatório Stroop de 125 páginas, encadernado em couro preto e ilustrado com 53 fotografias, as únicas tiradas no interior do gueto por agentes da SS que documentaram a destruição. No texto escrito pelo general, revelam-se todos os preconceitos e a jactância dos poderosos. Os alemães são descritos por superlativos: os melhores, os mais heroicos, fraternos, solidários, bravos lutadores. De outro lado, os judeus são identificados como ratos, vermes, piolhos e, na visão mais generosa, como bandidos. Eram termos que desumanizavam as pessoas que lutavam por uma morte digna. Algo parecido com a qualificação de "animais" que os principais assessores de Netanyahu atribuem agora aos palestinos de Gaza.

Condenação e impunidade

Stroop foi preso no início de maio de 1945 por tropas americanas na Bavária. Vestindo o uniforme de um oficial de infantaria, trazia documentos de dispensa falsos emitidos em nome do capitão da reserva da Wehrmacht Josef Straub. Ele manteve essa história por quase dois meses, antes de admitir ser Jürgen Stroop em 2 de julho. Foi então levado a julgamento pelo Tribunal Militar dos EUA em Dachau pela execução sumária de aviadores aliados, abatidos sobre a Alemanha em sua

área de comando. Em 21 de março de 1947, Stroop foi condenado à morte pelo tribunal.



Instituto da Memória Nacional/Polônia

Stroop, o nazista de Varsóvia: julgado e enforcado.

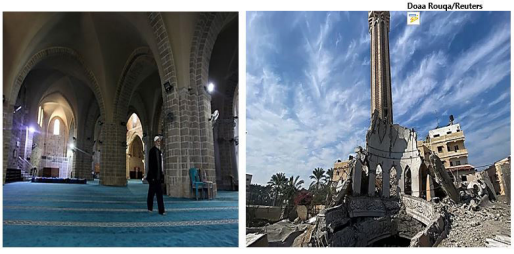
Platon/Vanity Fair

Netanyahu, o sionista de Gaza: livre e ainda impune

Essa sentença, porém, não foi executada; em vez disso, ele foi extraditado para julgamento na Polônia. Em 23 de julho de 1951, após um juízo que durou três dias, um tribunal polaco condenou Stroop e e seu fotógrafo, Franz Konrad, à morte por crimes contra a humanidade. Antes da execução, foi perguntado se queria expressar remorso pelos seus crimes. Respondeu: "Não me arrependo de nada". Stroop foi enforcado em 6 de março de 1952, na prisão den Mokotow, na mesma Varsóvia onde cometeu o seu crime mais célebre.

Oitenta anos depois, a truculência nazista de Varsóvia se repete com a brutalidade israelense em Gaza. No curto espaço de duas semanas, logo após o ataque do Hamas em 7 de outubro, a Força Aérea de Netanyahu tinha alvejado 31 mesquitas, destruindo completamente cinco delas. Um mês depois, em 6 de novembro, o Governo de Gaza registrava danos em 221 mesquitas, com 56 totalmente destruídas pelos bombardeios aéreos de Israel.

Algumas das 192 mesquitas atingidas em Gaza: na ideia fixa de Israel, são apenas esconderijo para terroristas...



A grande mesquita medieval Al Omari, do Século 7, a maior e mais antiga de Gaza: sobrou apenas o minarete

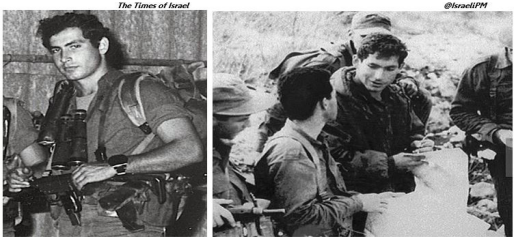
Não se conhece nenhum depoimento do sionista Netanyahu manifestando alegria pela destruição de dezenas de mesquitas no gueto de Gaza, como fez o nazista Stroop quando dinamitou a maior sinagoga do gueto de Varsóvia.

Como o general nazista, o premiê israelense tem suas raízes militares. Antes de se tornar o primeiro líder de governo nascido no país depois da criação de Israel em 1948, o mais longevo primeiro-ministro (16 anos ao longo de seis governos, recorde na história israelense), Netanyahu chegou ao posto de capitão e chefe da Sayeret Matkal, uma unidade de elite das forças especiais dedicada a operações de comando e sabotagem atrás das linhas inimigas. Numa das ações

levou um tiro no ombro. Naquele batalhão, participou da Guerra dos Seis Dias de 1967 e da Guerra do Yom Kippur em 1973. O batalhão foi inspirado no SAS, Special Air Service, a força especial britânica de quem a Sayeret herdou o lema: "Quem se atreve, ganha".

O ódio ancestral do capitão

Netanyahu traz no DNA sua ojeriza aos árabes, e palestinos em especial, herdada do pai, Benzion, um professor de história da Universidade Cornell (nordeste dos EUA), editor da Hebrew Encyclopaedia e ativista do movimento Sionista Revisionista, que pressionava os Estados Unidos pela criação do Estado judeu. Em 2009, em entrevista ao diário Maariv, de Tel Aviv, Benzion deu uma definição que explica o pensamento belicoso herdado pelo filho: "A tendência para o conflito é a essência do árabe. Ele é um inimigo por essência. A sua personalidade não lhe permite assumir compromisso. Não importa o tipo de resistência que vá encontrar, o preço que vá pagar. A existência do árabe é a de uma guerra perpétua".

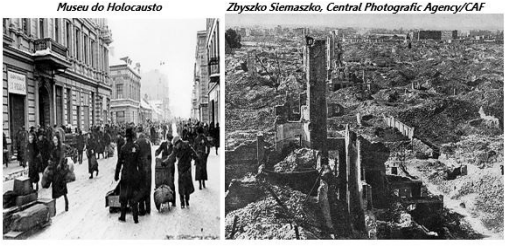


A origem ancestral do ódio aos árabes: "Inimigo por essência, guerra perpétua", dizia o pai de Netanyahu.

O ódio do capitão Netanyahu e seus acólitos pelos árabes tem um equivalente na aversão de Hitler e seus fanáticos pelos judeus. Ambos se completam na sua entranhada repulsa aos dois povos inimigos. A ira nada santa de um e outro só podia ser aplacada pelo extermínio, pela aniquilação, pela supressão total do desafeto.

Assim, incomodado com o atrevimento do levante judeu em Varsóvia, Hitler determinou a completa erradicação do gueto, demolindo os poucos prédios que não sucumbiram ao incêndio ateado pelas tropas de Stroop.

O líder nazista completou, em pouco tempo, a tarefa de arrasa-quarteirão na Varsóvia de 1943 que o líder sionista tenta replicar agora na Gaza de 2023 – desta vez de forma mais chocante, diante de um mundo conectado on-line e abismado pela brutalidade diária e pela selvageria crescente da força militar de Israel.



O gueto de Varsóvia ainda de pé, e arrasado por Hitler: é o futuro de Gaza prometido por Netanyahu

Segunda maior urbe da Palestina, com 750 mil habitantes, a Cidade de Gaza remonta a uma história de cinco mil anos, o que a faz uma das mais antigas do mundo. Antes da aparição tenebrosa de Netanyahu

passaram por ali alguns dos vultos maiores da História. Em 332 a.C, Gaza foi sitiada e destruída por Alexandre Magno. Incorporada ao jugo de Roma em 63 a.C, Gaza era governada por um Senado de 500 membros e sua Casa da Moeda emitia moedas adornadas com imagens de deuses e imperadores.

O imperador Adriano inaugurou ali, numa visita em 130 d.C, um anfiteatro para competições de oratória, boxe e luta livre. Em 1187, Gaza foi capturada pelo sultão Saladino. Outro sultão, Baybars, engalanou a cidade no Século 13 com uma grande biblioteca de mais de 20 mil manuscritos. Na guerra da França com o Império Otomano, a cidade foi ocupada em 1799 por Napoleão Bonaparte. Ali, diz a tradição, morreu e foi enterrado Haxim, bisavô de Maomé, o profeta do islamismo.

Gaza aparece até na Bíblia, em um de seus episódios mitológicos mais conhecidos (Juízes,16). Diz a lenda que foi ali, no templo fenício de Dagon, que um Sansão cego, mas revigorado pelos cabelos crescido, derrubou com a força descomunal dos braços as colunas que fizeram desabar o santuário, matando cinco governadores e três mil filisteus, na descrição do livro sagrado.

A cegueira destruidora de Netanyahu

É esse recanto rico de narrativas que Netanyahu – mais cego que Sansão, com muito menos cabelos e uma força muito mais destruidora do que a do mito bíblico – promete varrer do mapa, apagando fisicamente um dos sítios historicamente mais significativos da humanidade.

O fato e a lenda: Netanyahu é mais cego, tem menos cabelos e é mais destruidor que Sansão

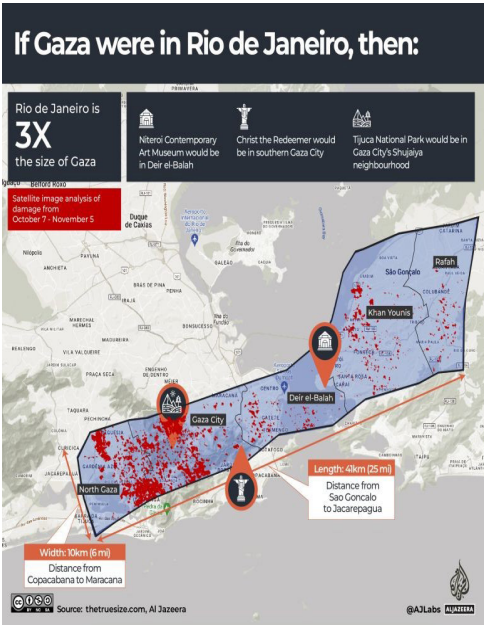
A incontinência militar de Israel se abate sobre uma das populações mais pobres e vulneráveis do mundo. Gaza é hoje o maior gueto do planeta, com mais de 2,3 milhões de pessoas virtualmente encarceradas numa estreita faixa de terra de 365 km², com 41 km de extensão e até 12 km de largura. Isso significa uma densidade populacional de 6.500 pessoas por km² – o equivalente a Belo Horizonte, que tem 2,315 milhões de habitantes numa área de 330 km² (densidade de 7 mil hab/km). A diferença marcante é que a capital mineira não está cercada por muros inexpugnáveis, sua população não sofre a restrição de um bloqueio militar, não vive sob racionamento de água, luz e alimentos e não é assombrada, dia e noite, pela força aérea e pelos foguetes de Netanyahu.

Para quem não consegue imaginar a dor e angústia de quem vive sob bombas numa concentração urbana de mais de dois milhões de pessoas amontoadas em um gueto avassalado por bombas, foguetes e tanques, a rede Al Jazeera montou uma criativa edição gráfica transplantando a Faixa de Gaza para 27 grandes cida-

des do mundo em cinco continentes. [veja aqui https://www.aljazeera.com/news/longform/2023/11/13/if-gaza-was-in-your-city-how-much-would-be-destroyed].

É uma forma visual eficiente para imaginar pontos geográficos, monumentos, bairros e avenidas de nossas cidades no espaço físico do gueto palestino, o que torna mais clara a noção física da tragédia que a fúria de Netanyahu impõe ao povo de Gaza. O Brasil entra na lista com o Rio de Janeiro.

Gaza no Rio de Janeiro


If Gaza were in Rio de Janeiro, then:
Rio de Janeiro is
3X
the size of Gaza
Niteroi Contemporary Art Museum would be in Deir el-Balah
Christ the Redeemer would be in southern Gaza City
Tijuca National Park would be in Gaza City's Shujaiya neighbourhood
Satellite image analysis of damage from October 7 - November 5
Duque de Caxias
Rafah
São Gonçalo
Khan Younis
Deir el-Balah
Gaza City
North Gaza
Length: 41km (25 mi)
Distance from Sao Goncalo to Jacarepagua
Width: 10km (6 mi)
Distance from Copacabana to Maracana
Source: thetruesize.com, Al Jazeera
@AJLabs
ALJAZEERA

A visão do drama de Gaza fica, aqui, clara para os brasileiros.

Alguns pontos destacados pela Al Jazeera:

- O Rio de Janeiro tem três vezes o tamanho de Gaza.
- A largura (10 km) equivale à distância da praia de Copacabana ao Maracanã.
- A extensão (41 km) norte-sul corresponde ao espaço entre Jacarepaguá e São Gonçalo.
- O Cristo Redentor estaria ao sul da Cidade de Gaza.
- O Parque Nacional da Tijuca estaria na vizinhança de Shujaiy, na Cidade de Gaza.

Como uma terra pobre, Gaza tem a décima maior taxa de natalidade do mundo (3,18% de crescimento anual), num clube de miseráveis que inclui Burundi, Timor-Leste, Níger, Eritreia e Uganda. Quase 75% da população está registrada como degredada, o que explica a existência de oito campos de refugiados no pequeno território. A idade média da população de Gaza é de 18,3 anos, uma das mais baixas do mundo. Cerca de 41% dos habitantes tem menos de 14 anos e quase 30% está na faixa dos 15 aos 29 anos. Em território exíguo e confinado, sujeito ao bloqueio implacável de Israel desde 2007, é nessa multidão confinada de jovens desesperançados que o Hamas recruta novos militantes dispostos até ao desespero do terrorismo.

O bloqueio implacável de Israel, que fecha os espaços aéreo, marítimo e terrestre, restringe ao mínimo a entrada e saída de bens e pessoas. A rede de túneis

foi pensada não para o terrorismo, mas para o trânsito clandestino de alimentos e remédios que têm circulação proibida pelos israelenses. O retrocesso que isso provoca aumenta os índices de pobreza e de insegurança alimentar. Segundo a ONU, o efetivo encarceramento de Gaza tem o custo anual de US$ 16,7 bilhões, quase seis vezes o PIB do território. A taxa de pobreza, que era de 40% em 2007, quando Israel impôs o bloqueio total, elevou-se para 56% uma década depois.

Em declaração corajosa ante o travado Conselho de Segurança da ONU, em 24 de outubro, o português António Guterres, secretário-geral da ONU, desprezou as firulas diplomáticas em benefício da dura verdade: "É importante reconhecer que os atos do Hamas não aconteceram por acaso. O povo palestino foi submetido a 56 anos de uma ocupação sufocante. Eles viram suas terras serem brutalmente tomadas e varridas pela violência. A economia sofreu, as pessoas ficaram desabrigadas e suas casas foram demolidas".

Era uma referência direta à Guerra dos Seis Dias de 1967, quando Israel destruiu 306 dos 390 aviões de guerra do Egito em apenas duas horas. Com a vitória, o governo de Tel Aviv ampliou a ocupação da Palestina e se apossou da Península do Sinai, enquanto paraquedistas conquistavam a Cidade Velha de Jerusalém, alargando o conflito com os árabes.

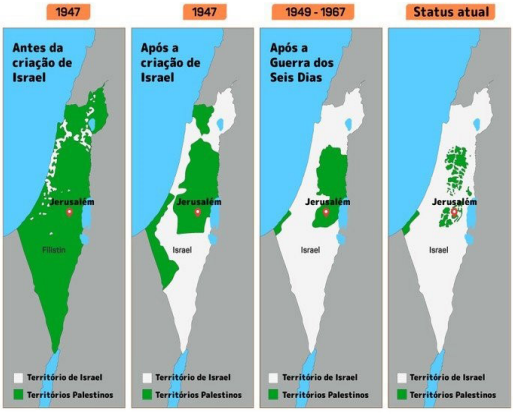
Conclusão lógica, segundo a denúncia de Guterres: é Israel que alimenta e inspira há meio século a resistência que agora, com o Hamas, descamba – no limite – para o terrorismo. Um ato de barbárie que nunca se justifica, mas que se explica pela continuada, teimosa postura de espoliação territorial de Israel. O chanceler israelense Eli Cohen, furioso com a advertência de Gu-

terres, cancelou a reunião que teria logo após com o secretário-geral. Em seguida, o embaixador do país na ONU, Gilad Erdan, fez no Conselho de Segurança um pedido público e nada diplomático: a demissão "imediata" de Guterres.

A Palestina esquartejada

Basta olhar o mapa da Palestina para entender que é o secretário-geral da ONU quem tem razão. Desde a criação do Estado de Israel pela ONU, em 1947, o território original de aproximadamente 28 mil km² da Palestina começou a ser retalhado, esquartejado, amputado, despedaçado sucessivamente em favor dos judeus e em prejuízo dos palestinos nativos.

Assim a Palestina foi radicalmente dividida e chegou, nesse processo de crescente fragmentação forçada, aos dois nacos de terra que restam hoje de sua geografia original: os 365 km² da Faixa de Gaza e os 5.640 km² da Cisjordânia – a área maior com 3 milhões de habitantes, 430 mil deles colonos israelenses intrusos que, afrontando as resoluções da ONU, invadiram o território e se estabeleceram ali ilegalmente –, com água, luz e proteção do Exército de Tel Aviv.



O foco da guerra sem fim: a Palestina, retalhada e ocupada desde 1947, foi reduzida a 20% da área original

A Palestina, encolhida à força para 20% de seu território histórico, hoje repartida em dois blocos insulados, está desaparecendo gradativamente sob o Terror de Estado israelense, enquanto o conflito aumenta cada vez mais.

A confusão tem origem na partição desigual proposta em 1947 pela comissão especial da ONU: 56% do território ficaria com o terço judeu que vivia no território, enquanto os restantes 44% ficariam para os dois terços de habitantes árabes. Ou seja, um terço de judeus teria mais terras do que dois terços dos árabes que já viviam lá. No Estado palestino, 818 mil árabes abririam espaço para 10 mil judeus. No Estado israelense, 438 mil palestinos conviveriam com 499 mil judeus. A grande maioria das terras férteis ficaria com o novo país e, das 1.200 aldeias palestinas, cerca de 400

estavam em território judeu.

Essa matemática perversa não podia, de fato, somar – mas apenas dividir. Ali está a origem das guerras sucessivas e do conflito quase secular entre Israel, a Palestina e seus vizinhos.

É uma guerra desigual que acaba influenciando uma outra frente de batalha: a mídia. Em 1917, no final do primeiro conflito mundial, o senador americano Hiram Johnson disse a frase célebre: "Na guerra, a primeira vítima é a verdade". Na guerra abusiva de Israel contra a população civil de Gaza, uma das vítimas centrais das bombas de Netanyahu é a imprensa. Em quatro meses, entre outubro e o final de janeiro, o Sindicato dos Jornalistas da Palestina aponta 113 jornalistas e trabalhadores da mídia mortos. Até dezembro, morreram quatro israelenses e três libaneses – contando ainda 13 feridos, três desaparecidos e 19 presos pelos militares de Israel. É um número assustador, mostrando que a imprensa é alvo deliberado dos ataques, pelas duras verdades que escava em meio ao fogo dos bombardei os.

List of journalists and media workers killed
since the beginning of Israeli aggression against Gaza (October 2023)
Pjs.ps
*This update covers until 26.11.2023

Jornalistas mortos por Israel em Gaza desde outubro: mais do que nos 234 meses da Guerra do Vietnã

Os 113 profissionais de mídia mortos em quatro meses de guerra em Gaza representam quase o dobro dos 63 jornalistas abatidos no Vietnã, um conflito que durou 234 meses (novembro de 1955 a abril de 1975). Se a média assustadora de Gaza fosse transplantada para a Indochina do Século 20, a marca de jornalistas mortos no Vietnã chegaria a 6.610 – ou 11% dos 58 mil militares americanos mortos na guerra. As vítimas da imprensa em Gaza, no espaço restrito de 120 dias, representam quase duas vezes o número (69) de jornalistas abatidos durante os seis anos da Segunda Guerra Mundial (setembro de 1939 a agosto de 1945), o maior conflito da História.

A mira na imprensa

O jornalismo tornou-se um campo de batalha central na guerra contra Gaza. No arriscado cotidiano sobre o relato da guerra a partir de Gaza, os profissionais de imprensa têm sido as principais vítimas. Em 7 de novembro, o jornalista palestino Mohammad Abu Hasira foi morto juntamente com 42 familiares num ataque aéreo israelita à sua casa, perto da Cidade de Gaza. Dezesseis dias depois, um bombardeio no campo de refugiados de Nuseirat, no centro de Gaza, custou a vida do jornalista Muhammad Moin Ayyash e de 20 membros da sua família.

Um mantra de desapego do jornalismo diz que repórter deve buscar a notícia, nunca ser notícia. O jornalista Wael Dahdouh, 52, chefe da sucursal de Gaza da rede árabe Al Jazeera, contrariou essa norma duas vezes no curto espaço de dois meses. Em 26 de outubro, em vez de cobrir a tragédia dos outros, ele viveu a sua desdita: enterrou de uma vez só a esposa Amna, o filho Mahmoud (15), a filha Sham (7) e o neto Adam (18 meses), mortos num ataque aéreo ao campo de refugiados de Nuseirat. A cena de Dahdouh devastado, com a mortalha da filha Sham nos braços, emocionou o mundo. Em lágrimas, o repórter da TV resumiu o terrível paradoxo que viveu diante dos corpos dos parentes dizimados: "É um momento difícil na vida de um jornalista. A gente sai para cobrir um incidente na pauta do dia e descobre que a notícia é a morte de sua própria família".

Dahdouh com a filha mais jovem, Sham, 7 anos, e o filho mais velho, Hamza, 27: mortos nos bombardeios

Na manhã de domingo, 7 de janeiro, Dahdouh voltaria a ser notícia: seu filho mais velho, Hamza, 27, cinegrafista também da Al Jazeera, viajava com o repórter Mustafa Thuraya para cobrir os refugiados da zona humanitária de Moraj quando seu carro foi atingido por um míssil disparado por um drone de Israel. Os dois morreram na hora. Na véspera do ataque, Hamza tinha homenageado o pai com uma mensagem no Instagram, onde tinha um milhão de seguidores, louvando sua coragem de continuar no trabalho após tantas perdas famiiliares: "Você é firme e paciente. Não se desespere com a misericórdia de Deus. Tenha certeza de que ele o recompensará. "

Com o cinismo habitual, os militares israelenses disseram, em comunicado, que o alvo dos ataques eram "infraestruturas terroristas na área". Na postura dissimulada dos comandantes de Netanyahu, nunca existe bala perdida, disparo equivocado ou bomba desnorteada. As vítimas, jornalistas ou não, estão sempre atrapalhando a pontaria dos israelenses, mesmo que estejam em hospitais, escolas, mesquitas, ambulâncias...

Fonte da Inteligência dos Estados Unidos, segundo

a CNN, informou que cerca de 45% das 29 mil bombas ar-terra jogadas até então por Israel sobre Gaza eram artefatos não guiados – ou 'bombas burras' (dumb bombs), que desmentem a alegada precisão dos ataques aéreos, o que explica o número de civis mortalmente atingidos. As outras bombas, mesmo guiadas com exatidão, ricocheteiam na habitual versão velhaca de Israel de que os mortos são sempre terroristas, ou vizinhos cúmplices.

O notório viés de simpatia dos grandes veículos de informação e redes de TV tende, sem disfarce, para Israel e seus influentes laços econômicos. Sempre que citam o Hamas, informam que é o grupo "terrorista" que executou o ataque de 7 de outubro. Quando falam das forças militares de Israel, ao longo de mais de 100 dias subsequentes com bárbaros ataques a civis – indefesos e cercados no gueto –, essa imprensa parcial nunca classifica os agressores israelenses como "terroristas". A deliberada desinformação, ou jornalismo deformado, fica clara na escolha medida das palavras nas notícias dessa mídia caolha: palestinos sempre são "mortos", israelenses sempre são "assassinados".

John Collins, professor de estudos globais da Saint Lawrence University, em Nova Iorque, lembrou: "As palavras constroem a realidade para nós. Em tempos de guerra, as palavras usadas pelos jornalistas devem ajudar a esclarecer o que está a acontecer e porquê. Mas, muitas vezes, essas palavras servem apenas para nos distrair, enganar ou proteger os poderosos". A imprensa está proibida por Israel de circular pela região de Gaza. Poderia parecer uma preocupação com a segurança dos jornalistas, apesar do número recorde de vítimas, mas é, de fato, uma tentativa de controlar a

informação e dissimular a verdade.

A submissão da CNN

Em raros momentos a CNN mostrou imagens de operações militares de Israel no fronte de guerra em Gaza. Quando elas iluminavam a telinha, no entanto, eram movimentos cuidadosamente coregrafados e controlados. Os repórteres da rede estavam "embutidos" (embedded) nas tropas terrestres de Netanyahu, a forma ladina que os militares dos Estados Unidos usaram na Guerra do Iraque em 2003 para filtrar e subordinar a cobertura da imprensa americana. Graças ao truque, a opinião pública mundial não conseguiu descobrir a tempo a fantasia do Governo Bush filho para justificar a guerra, indicando a existência de supostas "armas de destrução em massa", nunca encontradas nos arsenais de Saddam Hussein. Para conseguir o acesso embedded a Gaza, a CNN teve que se render a uma ultrajante exigência de "submeter todas as matérias e vídeos aos militares de Israel para revisão prévia antes da publicação", alertou a rede. A CNN concordou, sem reclamar, com essa restrição que rebaixa o jornalismo.

A mesma imposição foi feita ao The New York Times, mas o diário mais importante e influente do mundo resistiu bravamente. O jornalista inglês Patrick Kingsley, 34, chefe da sucursal do NYT em Jerusalém desde 2021, visitou no início de janeiro a localidade de Bureij, uma cidade abandonada no centro da Faixa de Gaza, próxima a um campo da ONU com 47 mil refugiados. Para conseguir esse raro acesso à frente de combate, acompanhando a unidade da 188º Brigada do Exército, Kingsley assumiu o razoável compromisso

de não fotografar os mapas digitais dentro do veículo blindado em que viajava, bem como o rosto dos soldados. Mas, ao contrário da CNN, o NYT não permitiu a revisão prévia do texto publicado pelo jornal em 9 de janeiro.

Avishag Shaar-Yashuv/New York Times

Kingsley, repórter do **New York Times**, *visita a devastada Bureij: os militares não permitem acesso aos túneis*

O repórter viu os prédios destruídos e os militares de Israel disseram que os danos eram culpa do Hamas, porque o grupo palestino se infiltrou em áreas residenciais, usando civis como escudo. O major general Itai Veruv, comandante na frente, apontou blocos de apartamentos a partir dos quais, segundo ele, o Hamas disparou, forçando a reação israelense. A abertura de um túnel foi encontrada em uma casa próxima, mas os militares não permitiram a entrada de jornalistas no poço, alegando a presença de explosivos. "Não venho em busca de vingança", disse o general Veruv ao repórter do Times. "Eu venho porque é necessário".

A maioria da imprensa, que é bem mais necessária, não vai lá, como fez o repórter Kingsley. Um grave problema na cobertura parcial da grande imprensa ocidental sobre o massacre em Gaza é o lugar de fala. A maior crise humanitária do Século 21, que envolve o bombardeio diário de dois milhões de civis sitiados

pelo terror de Estado de Israel, não tem a presença e o testemunho dos jornalistas no foco da notícia: Gaza, com acesso vedado pelos militares de Tel Aviv – inclusive os israelenses – desde 2006.

Na terça-feira, 19 de dezembro, a Associação de Imprensa Estrangeira (FPA) em Jerusalém apresentou uma petição ante a Suprema Corte de Israel pedindo "acesso imediato" à Faixa de Gaza para a mídia internacional. "A liberdade de imprensa é um direito civil básico numa sociedade democrática", alertou a FPA aos surdos comandados de Netanyahu. Esther Salomon, editora-chefe do Haaretz, o diário de esquerda mais antigo de Israel, alertou: "Não há cobertura completa da guerra a menos que se tenha acesso a informações acreditáveis também sobre o lado palestino".

As três maiores redes de TV dos Estados Unidos não têm equipes próprias em Gaza. No máximo, enviam seus âncoras e repórteres para apresentações temporárias na segurança e na distância de Tel Aviv, 70 km ao norte do fronte de batalha.

A Fox News, a TV a cabo de linha conservadora, que adora Trump e odeia os democratas, é a rede dominante de notícias por assinatura nos EUA, com acesso a mais de 95 milhões de residências. A MSNBC, a segunda rede a cabo mais vista dos EUA, atinge 87 milhões de residências. A CNN, que vem logo abaixo, em terceiro lugar no ranking americano, tem a vantagem de ser uma rede de alcance global insuperável, alcançando 425 milhões de domicílios espalhados por 212 países e territórios.

Fox News não esconde a parcialidade: melhor do que repórter na guerra é ouvir os senhores da guerra

A MSNBC acomodou seus enviados em portos seguros: a repórter Hala Gorani ficou em Ramallah, na Cisjordânia ocupada, o âncora Ali Velshi e o chefe dos correspondentes Richard Engel se alojaram na Jerusalém vigiada pelos militares.

A poderosa CNN enviou para lá, sucessivamente, os seus três âncoras mais importantes: Anderson Cooper, Erin Burnett e Wolf Blitzer. Ficaram lá dois ou três dias cada um, sem sair do perímetro seguro de Tel Aviv, longe do barulho das bombas e do incômodo da fumaceira em Gaza.

Hala Gorani (MSNBC), Anderson Cooper e Erin Burnett (CNN): longe de Gaza, perto dos militares de Israel

Por tudo isso, as três grandes redes americanas são atropeladas implacavelmente pelo jornalismo ágil,

afiado da rede árabe Al Jazeera, com sede em Doha, no Catar, e redações em Kuala Lumpur, Londres e Washington. Ao contrário da CNN, que exige assinatura, a Al Jazeera tem acesso gratuito da sua vibrante versão em inglês no YouTube (aqui, https://www.aljazeera.com/live).

É uma emissora árabe singular: embora financiada pelo rico principado da família Al Thani – que comanda um emirado islâmico absolutista desde meados do Século 19, assentado em reservas de 15 bilhões de barris de petróleo –, a Al Jazeera é uma emissora moderna, laica, com uma surpreendente independência editorial do governo, uma visão jornalística vigorosa, vídeos dramáticos e a presença ativa de repórteres corajosos que fazem em Gaza o que ninguém mais faz: cobrem a guerra no coração do conflito, testemunhando e registrando a tragédia do gueto de perto, respirando a fumaça dos ataques, descrevendo a dor das vítimas, e sofrendo na carne a violência de Israel.

Os países islâmicos e autocratas do Oriente Médio, que controlam com mão de ferro os seus meios estatizados de comunicação, estranham a liberdade de expressão da Al Jazeera, uma rede com investimento massivo em informação pelo trabalho de 450 jornalistas, incluindo 70 correspondentes estrangeiros abrigados em 23 escritórios ao redor do mundo. Na crise diplomática de 2017, quatro países muçulmanos influentes da região – Arábia Saudita, Emirados Árabes Unidos, Bahrein e Egito – cortaram relações com o Catar, impondo uma lista de 13 pontos que exigia, entre outros, o fechamento da Al Jazeera e suas afiliadas. Jornais e entidades, como o New York Times, The Guardian, Repórteres Sem Fronteiras e o Comitê de Proteção aos Jor-

nalistas reagiram, denunciando o ato como um ataque à liberdade de imprensa. A firme reação do governo catari mostrou que a rede tinha um sólido apoio: "As decisões relativas aos assuntos internos do Catar são da soberania do Catar - e ninguém tem que interferir nelas". declarou o chanceler catarl, Mohammed bin Jassim Al Thani, encerrando a questão.

Uma boa prova da independência da Al Jazeera no mundo árabe surgiu em janeiro de 1999, quando opositores do governo argelino apareceram, ao vivo, num popular programa de debates da rede de Doha, o El-Itidjah el-Mouakass ("A Direção Oposta"). Sem conseguir censurar a rede, a Argélia foi obrigada a cortar a eletricidade da capital, Argel, e grande parte do país para deixar a população sem a transmissão impertinente da TV.

Lição de jornalismo na TV: uma rede árabe independente, laica, moderna, vibrante e focada no drama humano

A crescente influência da Al Jazeera, com sua alta visibilidade nos assuntos de apelo mais forte entre as populações da região, ficou evidente na Primavera Árabe, a sucessão de greves e insurreições populares contra a pobreza, inflação, desemprego, corrupção e

falta de liberdade que convulsionaram o Oriente Médio a partir de 2010 e derrubaram, entre outros, os governos autocratas do Egito, Líbia e Tunisia. O The New York Times botou o dedo na ferida, em janeiro de 2011: "Os protestos que abalam o mundo árabe nesta semana têm um fio ligando todos eles: a Al Jazeera (...) cuja cobertura agressiva tem ajudado a impulsionar emoções insurgentes de uma capital para outra". Marc Lynch, professor de Estudos do Oriente Médio na George Washington University, explicou: "Ela não causa esses eventos, mas é quase impossível imaginar isso tudo acontecendo sem a Al Jazeera."

A rede ganhou projeção internacional, fora do mundo árabe, quando se tornou o primeiro canal de TV do mundo a transmitir ao vivo – a partir de 2001 – a guerra no Afeganistão, coberta por sua sucursal em Cabul. Fugindo do tom ufanista e patriótico das grandes redes de TV americanas, dominadas pelo trauma dos ataques terroristas de 11 de Setembro, a Al Jazeera ganhou melhor reputação jornalística e reforçou essa imagem profissional ao divulgar em primeira mão os vídeos de Osama Bin Laden, o líder da Al-Qaeda, pivô da guerra declarada pelos Estados Unidos. Na Guerra do Iraque, iniciada em 2003, a Al Jazeera teve suas transmissões de Wall Street suspensas: a Bolsa de Valores de Nova Iorque alegou que suas credenciais eram destinadas apenas a jornalistas de redes comprometidas com cobertura "responsável". Na sequência, a Al Jazeera teve que se defender com um inusitado manifesto pedindo liberdade de imprensa... nos Estados Unidos. Em março daquele ano, a rede foi premiada pelo Index on Censorship, organização londrina que defende a liberdade de expressão no mundo, por sua "coragem em contornar a censura e contribuir para a

livre troca de informações no mundo árabe".

Lição de coragem na telinha

Agora na guerra de Gaza, em 15 de dezembro, sexta-feira, o cinegrafista da Al Jazeera Samer Abudaqa, 45, foi morto por um drone de Israel quando fazia imagens do ataque à escola Farhana, em Khan Younis, que servia de abrigo para refugiados que tentavam escapar dos bombardeios no sul de Gaza. Nesse mesmo ataque foi ferido o chefe da TV em Gaza, Wael Dahdouh, 52, que em 25 de outubro perdeu num ataque semelhante a mulher, o filho, a filha e o neto, que procuravam fugir das bombas no campo de refugiados de Nuseirat, cinco km a nordeste de Bureij. Em dezembro, nem bem passados dois meses, Dahdouh foi atingido por estilhaços no braço, mas conseguiu chegar ao hospital Nasser, onde foi tratado com ferimentos leves.

As equipes de resgate, porém, não puderam alcançar imediatamente a Abudaqa e as outras pessoas feridas no local do ataque, pois precisavam da aprovação das forças israelenses para atravessar os escombros e alcançar o cinegrafista gravemente ferido. Quando a equipe de resgate conseguiu chegar, cinco horas após o ataque, vencendo a intransigência dos militares, Abudaqa havia sangrado até a morte.

A diferença candente entre a CNN e a Al Jazeera pode ser constatada no domingo, 8 de outubro, um dia após o ataque do Hamas, em um vídeo que viralizou nas redes sociais. A repórter Youma El Sayed fazia uma transmissão ao vivo da Cidade de Gaza, que ainda não era o foco do intenso bombardeio israelense que começaria em seguida. De repente, um prédio residen-

cial que aparecia à esquerda da repórter amarelou com a explosão de um míssil no topo do edifício. De costas para a ataque, a repórter levou alguns milésimos de segundo para perceber o som do estampido, que a fez gritar e fechar os olhos, numa reação humana de susto e pavor. O âncora do estúdio, em Doha, gritou para ela se proteger, enquanto El Sayed saía de cena.

A repórter da rede Al Jazeera se assusta com a explosão: uma cena que a CNN não tem, porque não estava lá

Enquanto os âncoras da CNN cobrem a guerra na distância segura e protegida de Tel Aviv, os repórteres da Al Jazeera mergulham no conflito e mostram ao vivo as cores e o fragor da guerra, com seus sustos, suas dores e seu drama no calor da linha de frente, onde as grandes redes do ocidente não se arriscam. A TV árabe espalha seus profissionais por Gaza (Wael Dahdouh), Jenin (Nida Ibrahim), Khan Younis (Hani Mahamoud) e pontos estratégicos como Teerã (Dorsa Jaabari), Bagdá (Abdel Wahed), Naqoura/Líbano (Ali Hashen), Nova Iorque (Gabriel Elizondo e Kristen Salomey) e Washington (Shibab Rattansi).

Com essa atitude presencial, nada virtual, a Al Jazeera consegue fazer história cobrindo, com equilibrada emoção e precisão, um dos dramas humanitários mais cruéis da História, honrando e dignificando

o que há de melhor e mais inspirador no jornalismo de guerra: contar e preservar a verdade, sem medo e sem favorecimento, protegendo a primeira vítima de todos os conflitos.

A salsicha e a nobreza

Uma diferença substancial entre a CNN e a Al Jazeera está num documento que todos os meios de comunicação têm, mas ninguém lê: o Código de Ética. O da CNN tem 25 linhas e 220 palavras. O da Al Jazeera tem mais: 36 linhas e 330 palavras. Mas a distinção marcante está no conteúdo.

O código de ética da rede americana poderia se aplicar a uma fábrica de salsicha ou a uma indústria de parafusos – ou até uma agência de propaganda. Nos seus 18 pontos, a CNN trata seus assinantes, estranhamente, como "clientes proprietários". Entre outras regras esdrúxulas, promete "observar o mais alto padrão de integridade, franqueza e responsabilidade ao lidar com seus clientes proprietários", "não fazer falsas promessas ou afirmações em publicidade", dar "recepção profissional e cortês quando o proprietário liga com uma consulta ou solicitação de lance", "manter os compromissos no horário agendado acordado. (Se surgir um conflito, ligue para o proprietário e remarque antes da consulta.)" e "encorajar apenas projetos que sejam estrutural e financeiramente sólidos". São maluquices ou preceitos exóticos para uma rede de TV de âmbito mundial que pretende ser o símbolo mundial do jornalismo onipresente e atuante.

O código ético da Al Jazeera se destaca primeiro pela nobre autodefinição da rede: "um serviço de co-

municação social orientado a nível global". A grandeza dos 10 mandamentos que regem a Al Jazeera se revela logo no primeiro preceito: "Aderir aos valores jornalísticos de honestidade, coragem, justiça, equilíbrio, independência, credibilidade e diversidade, não dando prioridade à consideração comercial ou política sobre a profissional". São palavras estranhas no gelado, postiço código da CNN.

O ponto 2 da rede árabe vale como uma Constituição: "Esforçar-nos por chegar à verdade e declará-la nos nossos despachos, programas e boletins de notícias de forma inequívoca, de uma forma que não deixe dúvidas sobre a sua validade e exatidão". Generosa, a Al Jazeera confessa, no ponto 4, "acolher com satisfação a concorrência justa e honesta nos meios de comunicação social, sem permitir que esta afete negativamente os nossos padrões de desempenho e, portanto, ter um 'furo' não se tornaria um fim em si mesmo".

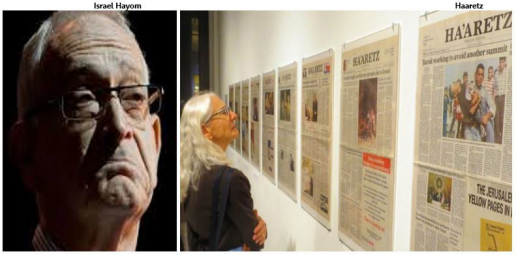
Ninguém na imprensa mundial tem hoje a relevância social e a contundência jornalística da Al Jazeera para cobrir e denunciar a carnificina diária em Gaza – promovida e comandada por Benjamin Netanyahu, o premiê de Israel, e que acontece diante de líderes internacionais anestesiados diante da brutalidade cotidiana na Palestina.

Pela contundência, a rede árabe faz um jornalismo que incomoda pelos fatos que dissemina. Quando esteve em Doha em 13 de outubro de 2023, uma semana após o ataque do Hamas, o secretário de Estado americano Antony Blinken gastou boa parte de sua conversa com o premiê catari Mohammed bin Jassim al-Thani pedindo para o governo coibir a presença da Al Jazeera no teatro de guerra: "Diminua o volume da cobertura

da rede porque ela está cheia de incitamento anti-Israel", pediu Blinken, que não deu nenhum exemplo dessa retórica "exacerbada". Al-Thani, como sempre, não se comoveu com o apelo, já que o Catar sabe que é justamente a penetração da Al Jazeera no Oriente Médio que dá ao pequeno país de 11 mil km – pouco maior que a ilha caribenha da Jamaica – o seu poder moderador na região.

Mais do que os Estados Unidos, é Israel que se incomoda com a livre expressão da imprensa independente. Netanyahu insiste em dizer que a Al Jazeera é "porta-voz do Hamas", mas nada incomoda mais o governo israelense do que um inimigo infiltrado em suas trincheiras de Tel Aviv: o diário Haaretz (Notícias da Terra, em hebraico), o jornal mais antigo (1918) do país e o terceiro em circulação (72 mil exemplares, 100 mil aos domingos). É o único grande jornal de tendência esquerdista de um país dominado pelo Likud, o partido da direita mais conservadora e radical que repudia com ardor a existência de um Estado palestino.

Por seu senso crítico, o Haaretz é o jornal de Israel mais lido e respeitado internacionalmente, com sua edição em inglês. Na segunda-feira, 9 de outubro, quando ainda se contavam os mortos dos ataque de sábado 7 do Hamas, o jornal fez um inesperado, duro editorial apontando o próprio Netanyahu como maior responsável pelo ataque sem precedentes da guerrilha de Gaza. A política francamente hostil praticada pelo premiê e a presença de membros da ultradireita religiosa numa administração empenhada na anexação e desapropiação de terras palestinas sinalizam a culpa de Netanyahu, segundo o Haaretz, já que ele é "o árbitro das questões externas e de segurança de Israel".



Amos Sshoken, dono e editor: "Se Netanyahu quer fechar o Haaretz, isso significa que é hora de ler o Haaretz"

A represália veio no final de novembro. O ministro das Comunicações, Shlomo Karhi, propôs ao governo suspender toda a publicidade estatal, assinaturas ou ligações comerciais com o Haaretz, alegando "propaganda derrotista e falsa durante a guerra". Khari chegou a definir o jornal como "um porta-voz inflamado dos inimigos de Israel". A resposta bem-humorada do dono e editor do jornal, Amos Schoken, 78 anos, é uma das frases mais luminosas já pronunciadas sobre o milenar conflito de todas as épocas entre imprensa e poder: "Se o governo quer fechar o Haaretz, isso significa que é hora de ler o Haaretz !".

A mídia do Brasil, longe de Gaza

No fronte da comunicação na Guerra de Gaza, a imprensa brasileira é uma grande derrotada. Primeiro, pela notória ausência. Nenhum dos três grandes jornais brasileiros – O Globo, Folha de S.Paulo e O Estado de S.Paulo – teve a iniciativa de mandar enviados especiais para cobrir a mais dramática crise humanitária do Século 21. A cobertura preguiçosa da guerra pelo trio mais ilustre da mídia nacional é feita em cozido

insosso de despachos de agências internacionais, trabalhados na segurança de suas redações com ar condicionado no Rio e em São Paulo, banindo o jornalismo a quente em favor do frio opinionismo das colunas assinadas e dos blogues. O material é apresentado com uma falha básica e factual, como faz a Folha: "notícias sobre a guerra Israel-Hamas". Errado!

Superando já os 100 dias de conflito e com mais de 27 mil mortos civis, na maioria mulheres e crianças, a guerra virou um conflito desproporcional e unilateral de Israel sobre Gaza – muito mais do que contra o Hamas. O embate restrito com a guerrilha de Gaza nas primeiras 72 horas, a partir do ataque inesperado de 7 de outubro, foi sobrepujado nos quatro meses seguintes pelo esmagador poderio bélico de Tel Aviv que se abate, dia e noite, sobre os dois milhões de habitantes do gueto palestino expostos ao cerco desalmado das forças armadas de Israel.

A mesma frieza e distância calculada se percebe na telinha das TVs. A maior rede brasileira, a Globo, comanda com suas duas geradoras (Rio e São Paulo) e três filiais (Brasília, Belo Horizonte e Recife) uma rede de 115 emissoras que cobrem 5.490 dos 5.568 municípios (98,6% do território nacional) e atingem 99,5% dos 219 milhões da população brasileira. Em 2022, faturou R$ 15 bilhões e teve um lucro de R$ 1,25 bi. Apesar desse poderio logístico, a Globo mostrou-se sovina e acanhada na cobertura da guerra mais midiática do século. Não enviou nenhuma de suas estrelas globais a Israel para mostrar a guerra de perto, com o calor do testemunho histórico.

Sem correspondente fixo no país, a Globo preferiu tirar do anonimato uma repórter fugaz da GloboNews

que vive desde 2021 em Tel-Aviv: Paola de Orte, 35, já tinha o Oriente Médio na mira cinco anos antes. Em 2016, o mestrado em relações internacionais que fez na Universidade de Brasília antecipava, no título, o seu futuro foco de interesse: "A mídia como arma de guerra e a batalha no campo ideacional: o conflito entre árabes e israelenses".

Paola de Orte: a correspondente ganhou cinegrafista e destaque na Globo – sem chegar perto de Gaza

A partir da eclosão da guerra, a esforçada Paola ganhou aparições quase diárias na grade jornalística da Globo, até mesmo na maior atração da rede, o "Jornal Nacional". Nas primeiras entradas, ela ainda atuava sozinha, submetida ao econômico modelo de selfie de sua própria imagem, captada solitariamente pela própria repórter e dublê de cinegrafista. Quando a intensidade do conflito aumentou, exigindo maior presença da correspondente de Tel Aviv, a Globo capitulou, abriu o bolso e aliviou o fardo de Paola contratando dois cinegrafistas locais que agora se revezam nas suas reportagens: o israelense Ido Chen e o holandês Joost

van der Wiel.

Apesar da frequência maior, Paola tem o cuidado de transitar no perímetro seguro de Tel Aviv, com uma ou outra aparição em Jerusalém, ocupada pelos israelenses. Três dias após o ataque inesperado do Hamas a Gaza, o âncora William Bonner a chamou para uma matéria especial mostrando que o conflito tinha mudado a rotina de Tel Aviv. Paola de Orte apresentou então uma extensa reportagem de 3'56'' mostrando como era animada a capital antes do ataque, com ruas lotadas, praias cheias, bares movimentados com muitos jovens e música animada. A partir do ataque, tudo mudou: ruas e praias ficaram desertas, a tristeza caiu sobre noites vazias e silenciosas, sem jovens e sem música. Uma formidável diferença com o quadro sonoro de destruição e morte que começava a dominar dias e noites das ruas desertas e entristecidas de Gaza, alvo dos mísseis e ataques aéreos da retaliação executada por Israel.

Um contraponto que Bonner, Paola e a Rede Globo esqueceram de fazer...

Jornal Nacional/ Rede Globo

Antes do ataque: Tel Aviv com a beira-mar cheia, bares lotados, com muita música, jovens e alegria

Depois do ataque: Tel Aviv, capital dos atacantes, está triste, com as ruas desertas. A Cidade de Gaza, também...

Até a GloboNews, canal pago de jornalismo da rede, derrapou na sua cobertura distante dos fatos. Em 14 de outubro, uma semana após o ataque do Hamas, o chefe da sucursal da Globo em Nova Iorque, o experiente Jorge Pontual, 75, apareceu no principal programa da noite na rede, o "GloboNews em Pauta", para defender a brutal retaliação de Netanyahu: "Agora só resta a opção militar a Israel", disse. Foi massacrado por críticas nas redes sociais, que tomou o comentário como um aval à implacável reação israelense.

Uma semana depois, em 20 de outubro, foi a vez do repórter Guga Chacra, 47, também correspondente da GloboNews em Nova Iorque, entrar na alça de mira das redes sociais. Ele analisava a postura do presidente dos Estados Unidos nas guerras da Ucrânia e de Gaza. "Biden deixa muito claro que está ao lado dos ucranianos, que está ao lado de Israel, mas há uma nuance nas duas questões: ele condena o Putin, condena o Hamas, mas, no caso de Israel e Palestina, demonstra grande solidariedade com a população palestina também (...)".

Líder do governo dos Estados Unidos, que com seu veto solitário negara na véspera o pedido de trégua humanitária no Conselho de Segurança da ONU, Joe

Biden podia parecer qualquer coisa – menos um líder solidário aos palestinos. Repetindo Pontual, Guga experimentou um novo massacre nas redes sociais.

Na falta de mais gente na guerra, a Globo terceirizou sua cobertura. Abriu espaço no "Jornal Hoje" de César Tralli e no "Encontro" de Patrícia Poeta para o enviado especial que ela não tinha em Israel: o excelente Rodrigo Lopes, 45, despachado a Israel pela rede gaúcha RBS, afiliada da Globo em Porto Alegre – o maior grupo de comunicação do sul, com três jornais, 12 emissoras de TVs e 14 de rádio. Lopes é o mais experiente repórter internacional da RBS, com mais de duas dezenas de coberturas no exterior, incluindo duas guerras no Oriente Médio. Em outubro de 2023, ele chegou a Tel Aviv depois de uma viagem de cinco horas de carro a partir de Amã, capital da Jordânia.

Lopes, da RBS: perde o fôlego em Israel e depois relaxa na amenidade da COP-28 em Dubai

Diferente de Paola de Orte, a estática correspondente da Globo em Tel Aviv, Lopes trilhou durante 15 dias mais de 1,7 mil km de carro pelo interior de Israel, da fronteira ao sul com Gaza até os limites da divisa norte com o Líbano. Em 16 de outubro estava em Sde-

rot, cidade israelense de 20 mil habitantes a 2,5 km da Faixa de Gaza, onde gravou um tenso vídeo, ofegante, correndo na rua para encontrar um bunker em apenas 15 segundos, após o alarme das sirenes indicando um iminente ataque de foguetes do Hamas – afinal não consumado.

No final de novembro, para recuperar o fôlego, Lopes relaxou sob o domo futurístico do Al Wasl Plaza, na pacífica Dubai, cobrindo durante 13 dias – sem alarmes e sem correria – a amena COP-28 que debatia a crise mundial do clima nos Emirados Árabes Unidos.

A maior concorrente da GloboNews nos canais por assinatura, a CNN/Brasil, conseguiu chegar mais próximo da guerra – como sempre, pelo lado israelense. O correspondente da rede em Londres, o veterano Américo Martins, fez uma rápida incursão a Israel, no final de outubro, para uma visita a Be'eri, o primeiro kibutz israelense atacado, a cinco km da fronteira de Gaza. Ali moravam 1.100 civis – e mais de 120 foram assassinados friamente pelo Hamas na manhã de sábado, 7 de outubro, com suas casas saqueadas e queimadas.

Depois, Martins foi a Sderot, a cidade israelense mais próxima de Gaza, onde presenciou ataques de tanques israelenses e bombardeios aéreos.

CNN/Brasil
BREAKING NEWS
REPÓRTER DA CNN VISITA LOCAL ATACADO PELO HAMAS
Américo Martins | CNN Be'eri, Israel
BREAKING NEWS
CNN REGISTRA ATAQUES E EXPLOSÕES EM GAZA
Repórter esteve na fronteira entre a Faixa e Israel

Martins, da CNN: o repórter no kibutz atacado e na visita à fronteira da guerra. Mas sempre longe de Gaza

O repórter brasileiro mais longevo em Israel trabalha, no momento, como freelancer da CNN/Brasil. Michel Gawendo, 50, formado em jornalismo pela Universidade Metodista de São Paulo, mora em Tel Aviv desde 2002, depois de passar por jornais paulistas, pela revista Veja e agência Reuters. Suas aparições na tela da CNN, quase sempre na segurança da capital israelense, mostram sempre situações de tensão e medo – como na ocasião em que se agacha após um alerta de sirenes no aeroporto internacional de Tel Aviv.

Imagens de Gaza bombardeada e seu povo acuado são produções de agências internacionais – nunca da CNN/Brasil.

CNN/Brasil
BREAKING NEWS
AGORA: BOMBARDEIO EM GAZA APÓS FIM DO PRAZO PARA CIVIS
Michel Gawendo | CNN Tel Aviv - Israel
BREAKING NEWS
VIVO
REPÓRTER NO LOCAL DOS ATAQUES: TENSÃO AINDA NÃO ACABOU
Conflito em Israel deixa centenas de mortos

Gawendo, da CNN/Brasil: o mais longevo repórter brasileiro em Israel. Sempre na zona segura de Tel Aviv

A mais notória, e sentida, ausência da guerra de Israel em Gaza é a da Rede Bandeirantes, a quarta maior do país em audiência e forte presença no jornalismo, com duas geradoras (Rio e SP), 16 filiais em 13 Estados com sinal retransmitido por quase 50 emissoras de TV. Contrariando sua tradição, a Band faz uma cobertura fria e distante a partir de Londres, com seu correspondente Felipe Kieling. Por distração, economia ou estratégia equivocada, a rede de Johnny Saad, neto de libaneses, não convocou para a guerra do Oriente Médio o seu mais notável repórter de ofício.

Yan Boechat, 48 anos, é um veterano freelancer que cobre guerras e conflitos há 20 anos, desde o Afeganistão à Tunísia, do Líbano à Colômbia, do Iraque a Gaza. Foi quatro vezes à Ucrânia, nos últimos oito anos. Com o faro aguçado de repórter, previu que Vladimir Putin atacaria o país em 2022. Chegou lá dia 14 de fevereiro, dez dias antes da invasão russa e de qualquer outro repórter brasileiro.

Na véspera do ataque, ele estava em Slavyanka, no Donbass, preparado para as horas seguintes: "Lembro que na noite anterior já circulava a informação de que a invasão iria acontecer naquela madrugada. Eu dormi de colete, passaporte no bolso, dinheiro para o caso de acontecer alguma coisa e poder sair correndo. Eu acordei às 5 horas da manhã com o som das bombas caindo em volta", contou ao repórter Luiz Zak, do Portal da Comunicação.

Boechat, da Band: ausência do melhor repórter de guerra da TV resume o fiasco da mídia do Brasil

Na Ucrânia, Boechat (nenhum parentesco com o âncora da Band Ricardo Boechet, falecido em 2019) sentiu a ausência da imprensa brasileira, que agora se repete em Gaza. Ele definiu com pontaria certeira para Luiz Zak porque acontece essa visível deserção, com frequência cada vez mais constrangedora para a mídia nacional:

> O Brasil não tem tradição em fazer cobertura internacional, porque é um país periférico.
>
> O importante para o Brasil é cobrir e estar presente nas metrópoles, pensando do ponto de vista colonial. O que a imprensa faz é colocar um repórter em Nova York, em Londres, talvez um em Paris e com raríssimas exceções, em Tóquio. E esses caras, por estarem em metrópoles, acabam recebendo a chancela de reportar o mundo. Mas eles fazem o que uma pessoa em Bauru [interior de SP] poderia fazer, por que o acesso à informação é o mesmo hoje [em qualquer lugar].
>
> Ontem vi uma repórter fazendo uma matéria sobre Israel, desde Nova Iorque. Não faria diferença se tivesse feito aqui do Brasil, da forma que ela fez. Mas o fato de estar lá dá

a chancela ao público de que, por estar em Nova York, ela tem mais acesso à informação ou está mais próxima daquela realidade. Essa é uma tradição da imprensa brasileira.

O outro problema é a grana. A imprensa brasileira passa por uma crise econômica há muito tempo, e ela entendeu que a opinião pode substituir a reportagem. Temos gente fazendo comentários, acerca de qualquer coisa, ou fazendo uma análise.

É muito mais barato manter alguém parado em Londres, Paris ou Nova York do que ir aos locais onde as coisas estão acontecendo, porque é uma cobertura cara.

É isso: uma mistura de desinteresse com falta de grana e tradição.

Típico de um país periférico.

Repórter sensível, fluente em árabe, Boechat filma ele mesmo suas entrevistas com gente do povo, evitando autoridades ou fontes militares, para captar sem intermediários o drama humano da guerra. Tem uma destreza invejável ao movimentar sua câmera em selfies seguras e tocantes que mostram o entorno, o ambiente, os lares destruídos, as vítimas indefesas, o lugar de vida restrita onde prospera e prevalece a morte. Tudo isso narrado pela beleza de um dos textos mais admirados da TV brasileira. É um profissional talhado para brilhar na tela da Al Jazeera. É lamentável que o talento inigualável de Yan Boechat não esteja sendo aproveitado em Gaza por seu contratante preferencial.

A desgraça humana sem fim de Gaza continua produzindo mortos, manchetes e reações opressivas das autoridades de Israel, indiferentes à dura derrota política sofrida em Haia, onde 17 juízes da Corte Internacional de Justiça (CIJ) da ONU reconheceram por

unanimidade na sexta-feira, 26 de janeiro de 2024, que Gaza vive a iminência de um genocídio.

A CIJ, para humilhação de Netanyahu, exige de Israel "medidas para prevenir e punir o incitamento direto ao genocídio na Faixa de Gaza" e impõe o prazo de um mês para que o governo de Tel Aviv faça um relatório para informar à corte da ONU se está cumprindo "a ordem de tomar todas as medidas ao seu alcance para evitar atos de genocídio em Gaza".

Os sinais desse propósito assassino são cada vez mais fortes. No início de novembro de 2023, um mês após o ataque do Hamas, Amichai Eliyahu, ministro da irrelevante pasta do Patrimônio do Governo Netanyahu, deu uma bombástica entrevista de tom confessional à rádio Kol Berama, uma estação religiosa israelense: "O uso da bomba nuclear na Faixa de Gaza é uma opção. Não existe essa coisa de que civis não estão envolvidos [com o terror] em Gaza".

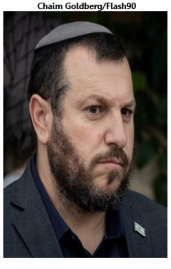
Em vez de demitir o ministro boquirroto, Netanyahu optou por uma amena suspensão de Eliyahu das reuniões do gabinete. Não foi surpresa o teor de sua fala, já que Eliyahu integra o pequeno Otzma Yehudit, um partido de extrema-direita, dono de apenas seis das 120 cadeiras do Knesset, o Parlamento israelense. É uma sigla radical conhecida como um grupo judeu fascista, racista e ultranacionalista, que repudia a ideia de um Estado palestino.

O mais surpreendente é o fato de um ministro do Governo reconhecer publicamente a posse de arma nuclear pelo Estado judeu. Israel insiste na fantasia de que não possui nenhum artefato, desmentida no início de 2023 pela ONG norueguesa Norsk Folkehjelp. No

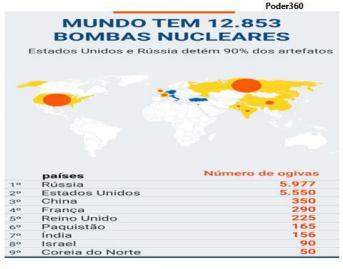
seu relatório "Nuclear Weapons Ban", que apontou o aumento de ogivas nucleares operacionais no mundo em 2022, Israel aparece como a oitava potência nuclear do planeta, com 90 ogivas – quase o dobro da Coreia do Norte do belicoso Kim Jong-un, que já tem 50 no seu arsenal. É um acréscimo de 136 bombas no arsenal em relação ao ano anterior, quase o número somado das cartucheiras atômicas de Netanyahu e Jong-un.

O poder de destruição de quase 13 mil ogivas das oito potências reconhecidamente nucleares (Israel é um intruso não oficial na lista de nove, já que não admite a posse da bomba), segundo a ONG de Oslo, tem uma capacidade destrutiva equivalente a 135 mil bombas de Hiroshima – onde uma única bomba, a primeira da História, matou na hora em agosto de 1945 cerca de 120 mil pessoas e, nos quatro meses seguintes, mais de 140 mil pelos efeitos da radiação.

Chaim Goldberg/Flash90



Poder360



Amichai Eliyahu, o ministro falastrão: Israel pode jogar uma de suas 90 bombas atômicas na Faixa de Gaza

Apesar da punição, Eliyahu voltou a destravar a língua, enquanto a Corte de Haia ainda deliberava sobre a ameaça de genocídio de Israel. Na quarta-feira, 24 de janeiro de 2024, em visita à cidade de Hebron,

na Cisjordânia, ele fez uma provocação direta à Corte da ONU: "Mesmo em Haia eles conhecem minha posição... Lançar uma bomba nuclear na Faixa de Gaza é uma opção!". Netanyahu, desta vez, não contestou nada.

A fotogênica Ayelet Shaked, uma bela morena de olhos verdes, engenheira de informática, casada com um piloto da Força Aérea, dois filhos, tinha 37 anos quando se elegeu em 2013 para o Knesset (Parlamento) de Israel pelo Jewish Home, um partido ortodoxo, sionista religioso e da extrema-direita. Conhecida como a "Dama de Ferro", era definida como uma mescla mais esbelta de Margareth Thatcher com Golda Meir. O pai contador votava no Likud de Netanyahu e a mãe, professora da Bíblia, vinha de família de centro-esquerda. Shaked fortaleceu suas convicções de direita quando serviu como instrutora de infantaria na Brigada Golani do Exército.

Em 2015, foi apontada pela revista Lady Globes como a Mulher do Ano. Shaked tinha 39 anos quando a Sociedade Israelense de Cirurgia Plástica e Estética fez uma enquete com 300 mulheres entre 20 e 60 anos para apontar a mais bela integrante da bancada feminina de 30 parlamentares que ocupava um quarto das 120 cadeiras do Parlamento. Shaked ganhou o título de rainha da beleza do Knesset com 20% dos votos. Ela é bonitinha, mas ordinária.

Em meados de 2014, reagindo ao disparo de foguetes do Hamas desde Gaza, Israel respondeu com os ataques aéreos da "Operação Margem Protetora" que, em seis semanas, mataram 2.300 pessoas (70% civis) e feriram mais de 10 mil palestinos. Morreram 67 soldados israelenses. Excitada pela guerra, a bela deputada

Shaked escreveu em sua página do Facebook:

> Atrás de cada terrorista estão dezenas de homens e mulheres, sem os quais ele não poderia se envolver no terror. São todos combatentes inimigos, e seu sangue estará em todas as suas cabeças. Isso também inclui as mães dos mártires, que os mandam para o inferno com flores e beijos.
>
> Elas deveriam seguir seus filhos, nada seria mais justo. Elas deveriam ter o mesmo destino, assim como os lares físicos onde se criaram as serpentes. Caso contrário, outras pequenas serpentes serão criadas lá.
>
> Elas têm de morrer e as suas casas devem ser demolidas para que não possam mais apoiar terroristas. Eles todos são nossos inimigos e o sangue deles deveria estar em nossas mãos.
>
> Isso também se aplica às mães dos terroristas mortos.
>
> Todo o povo palestino é o inimigo e deve ser destruído, incluindo os seus idosos e as suas mulheres, as suas cidades e as suas aldeias, as suas propriedades e suas infraestruturas.

Apesar disso tudo, ou exatamente por tudo isso, Shaked foi nomeada em maio de 2015 ministra da Justiça pelo premiê Benjamin Netanyahu, integrando a coalizão mais direitista da história de Israel. A designação revoltou a oposição israelense. Um deputado do partido Trabalhista, o jornalista Nachman Shai, 69, mesmo tendo sido porta-voz das Forças Armadas – que deixou em 1991 no posto de brigadeiro-general –, disparou: "Dar a Ayelet Shaked a pasta da Justiça é como dar a um piromaníaco a responsabilidade pelos serviços de bombeiros e resgate".

No texto genocida de 2014 da deputada sionista Ayelet Shaked existe uma assustadora semelhança

com a preleção de 24 de maio de 1944 do chefe da Gestapo Heinrich Himmler aos generais nazistas, exatamente um ano e uma semana depois da destruição do gueto de Varsóia.

Lembrando o que disse Himmler:

> [...] Tenho nervos bons o bastante e um senso de responsabilidade tão grande […] que, quando percebo que algo é necessário, faço-o sem concessões.
>
> Não me senti no direito – e isso refere-se às mulheres e crianças judias – de permitir que nas crianças cresçam os vingadores que matariam os nossos filhos e os nossos netos.
>
> Isso seria covardia. De maneira que a questão foi resolvida de maneira inflexível.

Dayly Sabah *Wikipédia*

A bela e o avatar: Shaked e Himmler, assombrados por palestinos, judeus, serpentes e vingadores

Passaram-se 70 anos entre a mensagem da sionista e a fala do nazista, mas a similitude da visão doentia de que mulheres e crianças podem gerar em seus ventres serpentes e terroristas, justificando o seu extermínio preventivo, mostra como a barbárie sobrevive ao tempo e inspira mentes pervertidas em povos tão díspares e antípodas, como o judeu de Netanyahu e o alemão

de Hitler.

O discurso de ódio não ficou restrito a Israel, na guerra contra Gaza. Atravessou o Atlântico e desembarcou no Brasil. Com mais força no Rio Grande do Sul, o Estado onde o extremista Jair Bolsonaro ganhou com folga duas eleições presidenciais. Em 2018 teve quase o dobro dos votos do opositor: Fernando Haddad, mestre em Economia e doutor em Filsofia pela USP, foi derrotado pelo tosco capitão em 407 dos 497 municípios gaúchos. Em 2022, o vexame foi ainda maior: Bolsonaro derrotou lá o maior líder do PT e atual presidente, Lula, com mais de 56% dos votos dos gaúchos. Pior: do primeiro para o segundo turno, o capitão aumentou seu contigente de eleitores em 488 mil votantes. Foi nesse bunker bolsonarista do sul extremo que regurgitou o instinto genocida escancarado pela guerra de Netanyahu aos palestinos de Gaza.

No domingo, 15 de outubro de 2023, uma semana após o ataque do Hamas, o programa semanal "Hora Israelita", transmitido durante duas horas nas manhãs dominicais da rádio Bandeirantes de Porto Alegre, entrou de sola na guerra. Falando de Jerusalém, a paulista judia Deborah Srour, 61, correspondente do programa em Israel, defendeu que as Forças Armadas de Netanyahu não respeitassem qualquer proporcionalidade e fossem "mortíferas" contra a população da Faixa de Gaza. "Não há civis inocentes do lado de Gaza. Se eles se comportam como animais, então Israel tem de lidar com eles como animais". Historicamente, pode-se dizer que Srour é ruim de pontaria. Nas Olimpíadas de 1984 em Los Angeles, ela integrou aos 22 anos a equipe de tiro do Brasil como atleta de pistola esportiva, categoria 25 metros. Não ganhou nenhuma medalha.

Srour, atiradora e correspondente: *Não há inocentes em Gaza. Devem ser exterminados como animais"

Agora, Srour outra vez errou feio o alvo, disparando com o novo uniforme de correspondente de guerra. Seu comentário sicário de domingo teria ficado circunscrito aos ouvintes do programa se não fosse capturado no dia seguinte, segunda 16, pelo atento Matinal, um excelente e agressivo site investigativo de Porto Alegre, que tira do sério a manada de blogues bolsonaristas que pululam na capital gaúcha. "Quem não é de ixquerda (sic) não deve assinar a news Matinal", escreveu um deles, mais raivoso.

A desumanização de toda uma população e a pregação do seu extermínio não comoveram as organizações vinculadas ao comentário de Deborah Srour. A Federação Israelita do Rio Grande do Sul, um dos apoiadores da transmissão, limitou-se a afirmar que não responde pelo conteúdo do programa e que ele é independente. Perdeu a preciosa oportunidade de manifestar seu repúdio pela opinião matadora emitida na atração radiofônica que patrocina.

A rádio Bandeirantes, que bota no ar a "Hora Is-

raelita", tentou lavar as mãos. Em nota, disse que as opiniões de Deborah Srour "não condizem com o pensamento editorial da empresa", mas ressalvou que o espaço é de um programa terceirizado (ou seja, a Band aluga o horário) e que "programas terceirizados são responsáveis pelo próprio conteúdo". O Matinal, rápido no gatilho, lembrou que a legislação diz o contrário. Segundo o Código Brasileiro de Telecomunicações, as emissoras de rádio e TV são responsáveis pelo conteúdo de terceiros. A "Hora Israelita", sem condenar o discurso de ódio, limitou-se a dizer que Srour "expressou sua opinião de forma independente".

Como ninguém fez nada, a correspondente de Israel voltou à carga no domingo seguinte, 22, reafirmando sua boçalidade: "Como qualquer pessoa normal, expressei minha opinião de que Israel deveria exterminá-los. Não há inocentes em Gaza. Não sou uma judia daquelas que se dobra, que vai para o gueto calada ou como uma carneirinha para a câmara de gás. Acredito no direito de autodeterminação do meu povo, o povo judeu em sua terra ancestral e presente. Eu tenho muito mais direito a essa terra, onde os avós dos meus avós estão enterrados, e os avós deles, do que os árabes que saíram da Arábia e do Egito, e se mudaram para cá no último século".

Diante da gravidade do caso, o assunto passou a ser tratado pela direção nacional da RedeBand, que decidiu no sábado, 28, antes da próxima edição dominical, acabar com o programa de 77 anos, transmitido desde 1946 – dois anos antes da criação de Israel. No domingo, 29, num vídeo pelo Facebook, Srour puxou de novo o gatilho. Atacou a Band como "radical" e associou a rede ao nazismo, definindo a decisão da emis-

Luiz Cláudio Cunha

sora como "uma ação remanescente dos anos 1930 na Alemanha". E explicou melhor: "Eles foram atrás da propaganda esquerdopata fascista completamente falida moralmente".

Um grave problema de Netanyahu e seus aliados é o 'Domo de Ferro' retórico que pretende defender Israel. Mas eficaz que o domo antimíssil que protege os céus israelense, o domo palavroso se sustenta pela falácia do antissemitismo. Toda e qualquer crítica à governança, ao militarismo e aos métodos virulentos dos militares de Netanyahu e seus políticos radicais e extremistas ricocheteia no guarda-chuva de um suposto ataque antissemita. Por este ardil, todo comentário negativo sobre Israel é rebaixado como antijudeu, na vala comum do nazismo que promoveu o Holocausto.

O melhor exemplo dessa blindagem a um honesto debate histórico aconteceu em meados de dezembro passado, dois meses após o ataque terrorista do Hamas. Numa decisão escandalosa, a Fundação Heinrich Böll (FHB), uma das instituições culturais mais importantes da Europa, ligada ao Partido Verde da Alemanha, cancelou a entrega do Prêmio Hannah Arendt para o Pensamento Político, conferido à russa-americana Masha Gessen, 57 anos, uma jornalista de corpo franzino e olhar melancólico por trás dos óculos pesados que não escondem suas sólidas convicções políticas. Crítica ardorosa de Vladimir Putin e Donald Trump, Gessen se define como não-binária e trans e é considerada a principal ativista dos direitos LGBT na Rússia, onde foi a primeira pessoa gay publicamente assumida no país. Ao justificar a concessão do prêmio, em agosto passado, a FHB dissera que o júri independente definiu Gessen como um "espírito crítico e pessoa com um

grande amor pela liberdade e pela resistência contra tendências autoritárias".

Tudo isso virou pó, de repente, quando Gessen publicou um notável ensaio de 17 páginas, mais de sete mil palavras, na edição de sábado, 9 de dezembro de 2023, da sofisticada *The New Yorker*, a mais prestigiosa publicação da imprensa dos Estados Unidos, que completará um século de vida em 2025, com tiragem semanal de mais de um milhão de exemplares. Sob o título de "À Sombra do Holocausto" (*In the Shadow of the Holocaust*, no original), Gessen faz uma corajosa provocação já no subtítulo: "Como a política da memória na Europa obscurece o que vemos hoje em Israel e em Gaza". Judia, ela teve avós e bisavós mortos nos campos de extermínio do III Reich.

No ensaio, ela argumenta que tratar o massacre de judeus pelos nazistas como um "evento singular", diferente de tudo o que ocorreu antes ou depois na História, é incorreto, pois torna "impossível aprender lições do Holocausto que são necessárias para prevenir futuros genocídios". A expressão, diz Gessen, nos dá a palavra para expressar o que está acontecendo agora com o ataque de Netanyahu: "O gueto de Gaza está sendo exterminado", diz ela. A comparação enfureceu a patrocinadora do prêmio: "É uma frase inaceitável, insinua que Israel trata Gaza como um gueto nazista", protestou a Fundação Böll. Pressionado por entidades judias poderosas como a Sociedade Alemã-Israelense, a fundação se retirou do evento, assim como a Câmara Municipal de Bremen, e o prêmio, antes previsto para uma entrega festiva num salão para mais de 400 pessoas, acabou confinado, de forma quase envergonhada, numa saleta improvisada onde se amontoavam cerca

de 40 pessoas.

The New Yorker
Focke Strangmann/AP
THE WEEKEND ESSAY
IN THE SHADOW OF THE HOLOCAUST
How the politics of memory in Europe obscures what we see in Israel and Gaza today.
By Masha Gessen
December 8, 2023

Gessen e sua melancolia sobre o gueto de Gaza: um prêmio envergonhado e confinado a uma sala de 40 pessoas

Hanna Arendt (1906-1975), a judia alemã que dá nome ao prêmio envergonhado de Gessen, é uma das mais importantes pensadoras sobre totalitarismo no Século 20. Ela criou o conceito de "banalidade do mal", ao cobrir como jornalista – para a mesma *The New Yorker* onde hoje trabalha Masha Gessen – o julgamento em Israel, no início da década de 1960, do tenente-coronel da SS Adolf Eichmann, o principal gerente-executivo do Holocausto.

Arendt é uma dos 28 judeus – ao lado de Albert Einstein – que assinaram uma carta aberta no *The New York Times*, em 4 de dezembro de 1948, na véspera da chegada aos Estados Unidos do líder sionista Menachem Begin. "Entre os fenômenos políticos mais perturbadores dos nossos tempos está o surgimento, no recém-criado Estado de Israel, do 'Partido da Liberdade' (*Tnuat Haherut*), um partido político estreitamente semelhante na sua organização, métodos, filosofia política e apelo social aos partidos nazistas e fascistas", escreveu Arendt sobre Begin, o chefe da nova agremiação política. Ela lembrou que oito meses antes, em 9 de abril de 1948, três milícias sionistas atacaram a aldeia palestina de Deir Yassin, onde viviam 700 pessoas, nas cercanias de Jerusalém. Cerca de 250 homens, mulhe-

res e crianças foram massacrados.

Begin era o líder da mais violenta das milícias. o Irgun, sigla abreviada em hebraico da "Organização Militar Nacional na Terra de Israel" – na verdade, uma organização terrorista paramilitar sionista que combatia os britânicos na Palestina. O Irgun era terrorista, como se diz hoje do Hamas. Begin foi primeiro-ministro de Israel (1977-1983) como é hoje Benjamin Netanyahu. O Irgun terrorista de Begin deu origem ao Likud, o partido extremista que hoje tem Netanyahu como seu mais notório integrante.

A comparação entre o gueto de Varsóvia e o gueto de Gaza, como faz este artigo do HUMANITAS desde o primeiro parágrafo, tem um sentido didático e objetivo, ensina Masha Gessen. "Por que comparamos? Comparamos para aprender. É assim que entendemos o mundo. Uma cor é uma cor apenas entre outras cores. Uma forma só é uma forma quando é distinta de outras formas. Um sentimento só é um sentimento se você tiver experimentado outros sentimentos. [...]Temos linguagem, imagens, estatísticas que estão prontamente disponíveis para imaginar o Holocausto. Tornamos mais fácil para os outros evocar imagens comuns e até memórias do Holocausto. E, no entanto, existe uma regra – e certamente não é exclusiva da Alemanha – de não comparar as coisas com o Holocausto. Existe um paradoxo: imaginamos o Holocausto detalhadamente, mas concebemo-lo como fundamentalmente inimaginável. É o tipo de mal que não podemos compreender. Mas tudo o que acontece no presente é, por definição, imaginável. Podemos ver isso".

Gessen observa: "O que mudou? A posição política mudou. A imaginação mudou. No início, não se sabia

o que iria acontecer. Não se sabia que o Holocausto era possível. Nós sabemos. Não somos mais inteligentes, mais gentis, mais sábios ou mais morais do que as pessoas que viveram há noventa anos. É igualmente provável que renunciemos desnecessariamente ao nosso poder político e permaneçamos deliberadamente ignorantes da escuridão à medida que amanhece. Mas sabemos algo que eles não sabiam: sabemos que o Holocausto é possível".

O domo de ferro discursivo das lideranças mais extremadas do judaísmo se estende, surpreendentemente, à entidade que representa seu povo no Brasil – a CONIB, Confederação Israelita do Brasil, fundada em maio de 1948, duas semanas após a criação do Estado de Israel. Ela fala em nome de 120 mil judeus brasileiros, a segunda maior e mais antiga comunidade da América Latina, atrás apenas da Argentina. O tiro ao alvo predileto da CONIB, no momento, é um judeu: o jornalista Breno Altman, editor do portal *Opera Mundi*, um site progressista com foco em temas internacionais. Crítico rigoroso do governo direitista de Israel, Altman ataca impiedosamente a ação bélica de Netanyahu na Faixa de Gaza. Foi o suficiente para a CONIB acionar o seu domo retórico, acusando o jornalista judeu de ser antissemita. Chegou ao exagero de pedir a prisão de Altman e a censura total a seus textos no *Opera Mundi* e até a suspensão de qualquer entrevista nas redes sociais.

Altman e Lottenberg: o líder dos judeus no Brasil quer sequestrar, torturar e assassinar a palavra "sionista"

A aparição mais inesperada nesse conflito nada retórico foi a do presidente da CONIB. Apesar de seu doutorado em oftalmologia pela Universidade Federal de São Paulo, Cláudio Lottenberg, 63 anos – que já presidiu o Hospital Albert Einstein e o grupo médico AMIL –, mostra uma visão zarolha sobre a própria origem de Israel. Além de Altman, agora ele encasquetou com a palavra "sionista", onde o seu domo ferroso deve identificar algum vestígio nazista.

Lottenberg está tentando reescrever a história, esquecido de que o termo surgiu em 1896 no texto de *O Estado Judeu*, de autoria do jornalista austro-húngaro Theodor Herzl, considerado o pai do sionismo moderno. Ali ele desenvolveu a ideia de que o povo judeu precisava ter sua própria terra, onde fossem os senhores – mesmo que à custa da expulsão do povo árabe original e da limpeza étnica da Palestina. A partir dos escritos de Herzl organizou-se no ano seguinte, na cidade suíça de Basileia, o primeiro Congresso Sionista, de onde nasceu a Organização Sionista Mundial.

Apesar disso, Lottenberg escreveu no site UOL, em 14 de dezembro, um artigo tortuoso chamado "O que é o sionismo", que em vez de esclarecer, confunde. Antes do ponto final, o líder da CONIB comete a seguinte

barbaridade: "Israel tem suas virtudes e seus defeitos, mas é uma democracia sólida. Justamente por isso, a palavra sionismo precisa ser sequestrada, torturada e assassinada".

O doutor Lottenberg esquece que a palavra tem a função de representar partes do pensamento e, assim, constitui a unidade essencial da linguagem humana, o que faz de nós a espécie dominante no planeta, por sua capacidade intelectual inigualável. Um médico que considera a hipótese de uma palavra – fruto do pensamento de alguém – ser "sequestrada, torturada e assassinada" indica um grave sintoma que pode lesar o emissor da palavra, ou seja, o ser humano. Conclusão: para evitar a palavra maldita, portanto, nada mais indicado também do que sequestrar, torturar e assassinar quem a pronunciou ou escreveu. Seria esse o sentido maligno da frase do doutor Lotemberg?

O repórter comovente de 12 anos

O rapper Mc Abdul: em 19 versos comoventes, o garoto de 12 anos resume o massacre de Netanyahu em Gaza

Luiz Cláudio Cunha

Na crônica angustiante que se vê há quase 120 dias, especialmente nas imagens dramáticas da Al Jazeera, nenhum jornalista conseguiu resumir tanta dor, tanto sofrimento, quanto uma criança palestina de 12 anos. Em apenas 19 versos e 147 palavras enxutas, emocionantes, o garoto Abdel-Rahman Al-Shantti, conhecido na Faixa de Gaza como o rapper Mc Abdul, definiu com a insuperável autoridade e sensibilidade única de vítima a realidade e o drama que ele vive com sua família entre os escombros que atravancam seu cotidiano. No rap Shouting at the Wall (Gritando no Muro), Mc Abdul desabafa:

Eu estou exausto

Noite passada eu não pude dormir,

Quando consegui, podia escutar bombas nos meus sonhos,

Pesadelo de situação.

Como eles podem ser tão perversos?

Fazendo morteiros para usar em crianças e pessoas inocentes,

Lugar onde você espera o bombardeio sem saber onde ocorrerá.

Amontoando-se no canto do quarto tentando proteger

Meu irmãozinho enquanto o prédio treme como se estivesse possuído.

Mas nada é mais forte do que a vontade dos oprimidos

Eu bombardeio de volta com minhas letras e rimas,

Às vezes tentando deixar palestinos enfurecidos.

O que está se escondendo nas nuvens que pairam sobre minha cabeça?

Lá fora meu pai arrisca sua vida para comprar pão.

A quarta guerra em meu décimo segundo ano de vida.

Eu quero liberdade para a população,

Dois milhões de prisioneiros vivem nesse local,

Gritando no muro, mas nada está mudando,

Essa é a vida sob uma ocupação

Essa poderia ser a canção de protesto contra o Gueto de Varsóvia de 1943 do general nazista Jürgen Stroop, o antecessor de Benjamin Netanyahu.

Mas é o lamento exasperado, desesperançado, de uma criança contra o Gueto de Gaza de 2023 do líder sionista Benjamin Netanyahu, o sucessor de Jürgen Stroop.

Os fanáticos seguidores do general nazista e do líder sionista podem achar que é uma comparação forçada. As fotos, abaixo, provam que não.

A constrangedora semelhança de cenas de um gueto e outro, separados no tempo por 80 anos, mostra que a estupidez do homem continua a mesma. A indolência e o silêncio contra a barbárie, ontem e hoje, deprimem a humanidade.

Compare:

US Holocaust Memorial Museum

Al Jazeera

Luiz Cláudio Cunha

Enciclopédia do Holocausto

Ali Jadallah/Agência Anadolu

Enciclopédia do Holocausto

Bocche Scucite

Stroop Report

Haaretz

Essas imagens poderiam parecer familiares ao premiê Benjamin Netanyahu, que repete em Gaza o que ele deve saber e lembrar de Varsóvia. Mas, é muito pior do que uma simples familiaridade. Porque isso não é uma farsa. É uma tragédia agravada. Israel consegue fazer no Gueto de Gaza o que o III Reich fez no Gueto de Varsóvia.

No mais duro ataque de um chefe de Estado, o presidente da Turquia, Recep Erdogan, no final de dezembro de 2023 comparou Benjamin Netanyahu ao

líder supremo do III Reich, fazendo um paralelo entre os ataques de Israel em Gaza e o tratamento dado pelos nazistas ao povo judeu.

"Eles costumavam falar mal de Adolf Hitler... Que diferença Netanyahu tem de Hitler? Ele vai nos fazer sentir falta de Hitler. O que esse Netanyahu está fazendo é menos do que o que Hitler fez? Não é...", condenou o presidente da Turquia.

O presidente brasileiro Luiz Inácio Lula da Silva ingressou triunfalmente nesse restrito grupo de detratores do premiê israelense no domingo, 18 de fevereiro. Ao final da cúpula de países da União Africana reunidos na Etiópia, Lula deu uma entrevista aos jornalistas em Adis Abeba. Ao contrário da maldição de improvisos desastrados que geralmente se destacam em seus encontros com a imprensa, desta vez Lula foi claro, correto, coerente e contundente em seu comentário: "Quando eu vejo o mundo rico anunciar que está parando de dar contribuição para a questão humanitária dos palestinos, fico imaginando qual é o tamanho da consciência política dessa gente. Qual é o tamanho do coração solidário dessa gente que não está vendo que na Faixa de Gaza não está acontecendo uma guerra, mas um genocídio. Não é uma guerra entre soldados. É uma guerra de um Exército altamente preparado contra mulheres e crianças. "

Lula lembrou que o Brasil foi o primeiro país do mundo a reconhecer o Estado palestino, em 2010. "É preciso parar de ser pequeno quando a gente tem de ser grande. O que está acontecendo com o povo palestino, na Faixa de Gaza, não existe em nenhum outro momento histórico", disse o brasileiro. E fez o adendo que incendiou mentes escusas: "Aliás, existiu..., quan-

do Hitler resolveu matar os judeus", condenou Lula.

Foi o bastante para disparar o 'domo de ferro' retórico do antissemitismo. Furioso, Netanyahu avisou que Lula ultrapassou a "linha vermelha" ao comparar Gaza com o III Reich, mas o premiê de Tel Aviv esqueceu de citar a linha vermelha de sangue que suas tropas traçam diariamente com os ataques contra civis, mulheres e crianças em hospitais, abrigos e mesquitas. O líder sionista atacou a frase de Lula como uma banalização do Holocausto, esta última uma palavra que o brasileiro nem usou. Netanyahu tergiversou, alegando que Lula tenta "prejudicar o direito de Israel se defender". O premiê distorce a verdade, pois o presidente brasileiro não coloca em questão a defesa, mas sim o ataque brutal que as tropas de Israel realizam, de forma implacável, desde 7 de outubro.

É impossível fazer a equivalência de 6 milhões de judeus chacinados pelos nazistas ao longo dos 12 malignos anos do III Reich com o massacre de 30 mil civis palestinos em apenas quatro meses de bombardeios em Gaza. Não é uma questão burra de matemática. É mais do que isso: é uma argumentação ética e moral sobre os padrões civilizatórios da humanidade. Vale para o nazismo cruel de Hitler, vale para o sionismo brutal de Netanyahu.

O brasileiro Lula e o turco Erdogan botam o sionista Netanyahu e o nazista Hitler no seu devido lugar: lado a lado

Luiz Cláudio Cunha

É lamentável que a elite da imprensa brasileiro tenha assumido o comportamento de manada, sem maiores reflexões, na reação emocional às declarações certeiras do presidente brasileiro. Em vez de despachar repórteres para cobrir as circunstâncias dramáticas da guerra e a brutalidade das tropas de Netanyahu na frente de fogo em Gaza, os três maiores jornais do país preferiram convocar seus treinados pelotões de editorialistas, colunistas e blogueiros acantonados nas pacíficas redações climatizadas de suas sedes no Rio e em São Paulo, para alvejar as verdades pronunciadas por Lula.

Num ataque sincronizado, *O Globo*, O *Estado de S. Paulo* e a *Folha de S. Paulo*, na falta de notícias mais precisas e verdadeiras de seus repórteres ausentes da frente de batalha em Gaza, usaram a artilharia de seus editoriais da terça-feira, 20 de fevereiro, para bombardear o presidente brasileiro. "Antissemitismo autêntico ou apenas ignorância atroz", atacou *O Globo*. "Plena ignorância sobre a história dos conflitos da humanidade e banalização de temas como genocídio e Holocausto", pipocou a *Folha de S. Paulo*. "Ranço ideológico e antissemitismo para fazer do último domingo um dia infame na história da diplomacia brasileira", ecoou *O Estado de S. Paulo*.

A grande, omissa e submissa imprensa brasileira, lamentavelmente, não é o caminho mais seguro e mais honesto para entender o maior drama humanitário do Século 21. As práticas nazistas adotadas agora no gueto de Gaza, e que funcionaram no Gueto de Varsóvia, mostram que a humanidade continua a miserável repetição de seus erros. E a mídia, cúmplice.

Luiz Cláudio Cunha

Luiz Cláudio Cunha. Jornalista, consultor da Comissão Nacional da Verdade no período 2012-2014. Gaúcho de Caxias do Sul, começou sua carreira em 1969 na Folha de Londrina, no Paraná.

Autor de Operação Condor: o Sequestro dos Uruguaios (Ed. L&PM, 2008), recebendo da Câmara Brasileira do Livro no ano seguinte ao seu lançamento o Prêmio Jabuti, além de menção honrosa do Prêmio Vladimir Herzog do Sindicato dos Jornalistas de São Paulo, ambos na categoria Livro-Reportagem. O texto evidencia um tempo em que adversários eram punidos com a tortura, o desaparecimento e a morte. Nas palavras da editora, "o sequestro dos uruguaios Lílian Celiberti e Universindo Díaz em 1978, numa ação dos órgãos de repressão do Uruguai e do Brasil, expôs as vísceras da sinistra Operação Condor à opinião pública brasileira e internacional. Fundada em 1975 no Chile de Pinochet, a Condor era uma vasta ação terrorista de Estado que atropelava fronteiras nacionais e afrontava direitos humanos, forçando o desaparecimento de quem ousasse contestar os regimes de força dos generais. Dissidentes políticos eram caçados por comandos clandestinos militares e policiais".

Em Porto Alegre, foi repórter especial de Zero Hora e dirigiu a sucursal da revista Veja entre 1972 e 1980, até se transferir para Brasília, onde chefiou as sucursais das revistas Veja, Isto É e Afinal, e dos jornais O Estado de S. Paulo, Jornal do Brasil, Diário do Comércio e Indústria e Zero Hora.

No Rio de Janeiro, foi editor do Informe JB no Jornal do Brasil.

De volta a Brasília, foi repórter especial da Rede Globo, correspondente da coluna de Ricardo Boechat em O Globo, editor-contribuinte da revista Playboy e colunista político do Correio Braziliense.

E-mail: cunha.luizclaudio@gmail.com.

CADERNOS IHU IDEIAS

N. 01 A teoria da justiça de John Rawls – José Nedel
N. 02 O feminismo ou os feminismos: Uma leitura das produções teóricas – Edla Eggert
O Serviço Social junto ao Fórum de Mulheres em São Leopoldo – Clair Ribeiro Ziebell e Acadêmicas Anemarie Kirsch Deutrich e Magali Beatriz Strauss
N. 03 O programa Linha Direta: a sociedade segundo a TV Globo – Sonia Montaño
N. 04 Ernani M. Fiori – Uma Filosofia da Educação Popular – Luiz Gilberto Kronbauer
N. 05 O ruído de guerra e o silêncio de Deus – Manfred Zeuch
N. 06 BRASIL: Entre a Identidade Vazia e a Construção do Novo – Renato Janine Ribeiro
N. 07 Mundos televisivos e sentidos identiários na TV – Suzana Kilpp
N. 08 Simões Lopes Neto e a Invenção do Gaúcho – Márcia Lopes Duarte
N. 09 Oligopólios midiáticos: a televisão contemporânea e as barreiras à entrada – Valério Cruz Brittos
N. 10 Futebol, mídia e sociedade no Brasil: reflexões a partir de um jogo – Édison Luis Gastaldo
N. 11 Os 100 anos de Theodor Adorno e a Filosofia depois de Auschwitz – Márcia Tiburi
N. 12 A domesticação do exótico – Paula Caleffi
N. 13 Pomeranas parceiras no caminho da roça: um jeito de fazer Igreja, Teologia e Educação Popular – Edla Eggert
N. 14 Júlio de Castilhos e Borges de Medeiros: a prática política no RS – Gunter Axt
N. 15 Medicina social: um instrumento para denúncia – Stela Nazareth Meneghel
N. 16 Mudanças de significado da tatuagem contemporânea – Débora Krischke Leitão
N. 17 As sete mulheres e as negras sem rosto: ficção, história e trivialidade – Mário Maestri
N. 18 Um itinenário do pensamento de Edgar Morin – Maria da Conceição de Almeida
N. 19 Os donos do Poder, de Raymundo Faoro – Helga Iracema Ladgraf Piccolo
N. 20 Sobre técnica e humanismo – Oswaldo Giacóia Junior
N. 21 Construindo novos caminhos para a intervenção societária – Lucilda Selli
N. 22 Física Quântica: da sua pré-história à discussão sobre o seu conteúdo essencial – Paulo Henrique Dionísio
N. 23 Atualidade da filosofia moral de Kant, desde a perspectiva de sua crítica a um solipsismo prático – Valério Rohden
N. 24 Imagens da exclusão no cinema nacional – Miriam Rossini
N. 25 A estética discursiva da tevê e a (des)configuração da informação – Nísia Martins do Rosário
N. 26 O discurso sobre o voluntariado na Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS – Rosa Maria Serra Bavaresco
N. 27 O modo de objetivação jornalística – Beatriz Alcaraz Marocco
N. 28 A cidade afetada pela cultura digital – Paulo Edison Belo Reyes
N. 29 Prevalência de violência de gênero perpetrada por companheiro: Estudo em um serviço de atenção primária à saúde – Porto Alegre, RS – José Fernando Dresch Kronbauer
N. 30 Getúlio, romance ou biografia? – Juremir Machado da Silva
N. 31 A crise e o êxodo da sociedade salarial – André Gorz
N. 32 À meia luz: a emergência de uma Teologia Gay – Seus dilemas e possibilidades – André Sidnei Musskopf
N. 33 O vampirismo no mundo contemporâneo: algumas considerações – Marcelo Pizarro Noronha
N. 34 O mundo do trabalho em mutação: As reconfigurações e seus impactos – Marco Aurélio Santana
N. 35 Adam Smith: filósofo e economista – Ana Maria Bianchi e Antonio Tiago Loureiro Araújo dos Santos

N. 36 Igreja Universal do Reino de Deus no contexto do emergente mercado religioso brasileiro: uma análise antropológica – Airton Luiz Jungblut
N. 37 As concepções teórico-analíticas e as proposições de política econômica de Keynes – Fernando Ferrari Filho
N. 38 Rosa Egipcíaca: Uma Santa Africana no Brasil Colonial – Luiz Mott
N. 39 Malthus e Ricardo: duas visões de economia política e de capitalismo – Gentil Corazza
N. 40 Corpo e Agenda na Revista Feminina – Adriana Braga
N. 41 A (anti)filosofia de Karl Marx – Leda Maria Paulani
N. 42 Veblen e o Comportamento Humano: uma avaliação após um século de "A Teoria da Classe Ociosa" – Leonardo Monteiro Monasterio
N. 43 Futebol, Mídia e Sociabilidade. Uma experiência etnográfica – Édison Luis Gastaldo, Rodrigo Marques Leistner, Ronei Teodoro da Silva e Samuel McGinity
N. 44 Genealogia da religião. Ensaio de leitura sistêmica de Marcel Gauchet. Aplicação à situação atual do mundo – Gérard Donnadieu
N. 45 A realidade quântica como base da visão de Teilhard de Chardin e uma nova concepção da evolução biológica – Lothar Schäfer
N. 46 "Esta terra tem dono". Disputas de representação sobre o passado missioneiro no Rio Grande do Sul: a figura de Sepé Tiaraju – Ceres Karam Brum
N. 47 O desenvolvimento econômico na visão de Joseph Schumpeter – Achyles Barcelos da Costa
N. 48 Religião e elo social. O caso do cristianismo – Gérard Donnadieu
N. 49 Copérnico e Kepler: como a terra saiu do centro do universo – Geraldo Monteiro Sigaud
N. 50 Modernidade e pós-modernidade – luzes e sombras – Evilázio Teixeira
N. 51 Violências: O olhar da saúde coletiva – Élida Azevedo Hennington e Stela Nazareth Meneghel
N. 52 Ética e emoções morais – Thomas Kesselring
Juízos ou emoções: de quem é a primazia na moral? – Adriano Naves de Brito
N. 53 Computação Quântica. Desafios para o Século XXI – Fernando Haas
N. 54 Atividade da sociedade civil relativa ao desarmamento na Europa e no Brasil – An Vranckx
N. 55 Terra habitável: o grande desafio para a humanidade – Gilberto Dupas
N. 56 O decrescimento como condição de uma sociedade convivial – Serge Latouche
N. 57 A natureza da natureza: auto-organização e caos – Günter Küppers
N. 58 Sociedade sustentável e desenvolvimento sustentável: limites e possibilidades – Hazel Henderson
N. 59 Globalização – mas como? – Karen Gloy
N. 60 A emergência da nova subjetividade operária: a sociabilidade invertida – Cesar Sanson
N. 61 Incidente em Antares e a Trajetória de Ficção de Erico Veríssimo – Regina Zilberman
N. 62 Três episódios de descoberta científica: da caricatura empirista a uma outra história – Fernando Lang da Silveira e Luiz O. Q. Peduzzi
N. 63 Negações e Silenciamentos no discurso acerca da Juventude – Cátia Andressa da Silva
N. 64 Getúlio e a Gira: a Umbanda em tempos de Estado Novo – Artur Cesar Isaia
N. 65 Darcy Ribeiro e o O povo brasileiro: uma alegoria humanista tropical – Léa Freitas Perez
N. 66 Adoecer: Morrer ou Viver? Reflexões sobre a cura e a não cura nas reduções jesuítico-guaranis (1609-1675) – Eliane Cristina Deckmann Fleck
N. 67 Em busca da terceira margem: O olhar de Nelson Pereira dos Santos na obra de Guimarães Rosa – João Guilherme Barone
N. 68 Contingência nas ciências físicas – Fernando Haas

N. 69 A cosmologia de Newton – Ney Lemke
N. 70 Física Moderna e o paradoxo de Zenon – Fernando Haas
N. 71 O passado e o presente em Os Inconfidentes, de Joaquim Pedro de Andrade – Miriam de Souza Rossini
N. 72 Da religião e de juventude: modulações e articulações – Léa Freitas Perez
N. 73 Tradição e ruptura na obra de Guimarães Rosa – Eduardo F. Coutinho
N. 74 Raça, nação e classe na historiografia de Moysés Vellinho – Mário Maestri
N. 75 A Geologia Arqueológica na Unisinos – Carlos Henrique Nowatzki
N. 76 Campesinato negro no período pós-abolição: repensando Coronelismo, enxada e voto – Ana Maria Lugão Rios
N. 77 Progresso: como mito ou ideologia – Gilberto Dupas
N. 78 Michael Aglietta: da Teoria da Regulação à Violência da Moeda – Octavio A. C. Conceição
N. 79 Dante de Laytano e o negro no Rio Grande Do Sul – Moacyr Flores
N. 80 Do pré-urbano ao urbano: A cidade missioneira colonial e seu território – Arno Alvarez Kern
N. 81 Entre Canções e versos: alguns caminhos para a leitura e a produção de poemas na sala de aula – Gláucia de Souza
N. 82 Trabalhadores e política nos anos 1950: a ideia de "sindicalismo populista" em questão – Marco Aurélio Santana
N. 83 Dimensões normativas da Bioética – Alfredo Culleton e Vicente de Paulo Barretto
N. 84 A Ciência como instrumento de leitura para explicar as transformações da natureza – Attico Chassot
N. 85 Demanda por empresas responsáveis e Ética Concorrencial: desafios e uma proposta para a gestão da ação organizada do varejo – Patrícia Almeida Ashley
N. 86 Autonomia na pós-modernidade: um delírio? – Mario Fleig
N. 87 Gauchismo, tradição e Tradicionalismo – Maria Eunice Maciel
N. 88 A ética e a crise da modernidade: uma leitura a partir da obra de Henrique C. de Lima Vaz – Marcelo Perine
N. 89 Limites, possibilidades e contradições da formação humana na Universidade – Laurício Neumann
N. 90 Os índios e a História Colonial: lendo Cristina Pompa e Regina Almeida – Maria Cristina Bohn Martins
N. 91 Subjetividade moderna: possibilidades e limites para o cristianismo – Franklin Leopoldo e Silva
N. 92 Saberes populares produzidos numa escola de comunidade de catadores: um estudo na perspectiva da Etnomatemática – Daiane Martins Bocasanta
N. 93 A religião na sociedade dos indivíduos: transformações no campo religioso brasileiro – Carlos Alberto Steil
N. 94 Movimento sindical: desafios e perspectivas para os próximos anos – Cesar Sanson
N. 95 De volta para o futuro: os precursores da nanotecnociência – Peter A. Schulz
N. 96 Vianna Moog como intérprete do Brasil – Enildo de Moura Carvalho
N. 97 A paixão de Jacobina: uma leitura cinematográfica – Marinês Andrea Kunz
N. 98 Resiliência: um novo paradigma que desafia as religiões – Susana María Rocca Larrosa
N. 99 Sociabilidades contemporâneas: os jovens na lan house – Vanessa Andrade Pereira
N. 100 Autonomia do sujeito moral em Kant – Valerio Rohden
N. 101 As principais contribuições de Milton Friedman à Teoria Monetária: parte 1 – Roberto Camps Moraes
N. 102 Uma leitura das inovações bio(nano)tecnológicas a partir da sociologia da ciência – Adriano Premebida
N. 103 ECODI – A criação de espaços de convivência digital virtual no contexto dos processos de ensino e aprendizagem em metaverso – Eliane Schlemmer

N. 104 As principais contribuições de Milton Friedman à Teoria Monetária: parte 2 – Roberto Camps Moraes
N. 105 Futebol e identidade feminina: um estudo etnográfico sobre o núcleo de mulheres gremistas – Marcelo Pizarro Noronha
N. 106 Justificação e prescrição produzidas pelas Ciências Humanas: Igualdade e Liberdade nos discursos educacionais contemporâneos – Paula Corrêa Henning
N. 107 Da civilização do segredo à civilização da exibição: a família na vitrine – Maria Isabel Barros Bellini
N. 108 Trabalho associado e ecologia: vislumbrando um ethos solidário, terno e democrático? – Telmo Adams
N. 109 Transumanismo e nanotecnologia molecular – Celso Candido de Azambuja
N. 110 Formação e trabalho em narrativas – Leandro R. Pinheiro
N. 111 Autonomia e submissão: o sentido histórico da administração – Yeda Crusius no Rio Grande do Sul – Mário Maestri
N. 112 A comunicação paulina e as práticas publicitárias: São Paulo e o contexto da publicidade e propaganda – Denis Gerson Simões
N. 113 Isto não é uma janela: Flusser, Surrealismo e o jogo contra – Esp. Yentl Delanhesi
N. 114 SBT: jogo, televisão e imaginário de azar brasileiro – Sonia Montaño
N. 115 Educação cooperativa solidária: perspectivas e limites – Carlos Daniel Baioto
N. 116 Humanizar o humano – Roberto Carlos Fávero
N. 117 Quando o mito se torna verdade e a ciência, religião – Róber Freitas Bachinski
N. 118 Colonizando e descolonizando mentes – Marcelo Dascal
N. 119 A espiritualidade como fator de proteção na adolescência – Luciana F. Marques e Débora D. Dell'Aglio
N. 120 A dimensão coletiva da liderança – Patrícia Martins Fagundes Cabral e Nedio Seminotti
N. 121 Nanotecnologia: alguns aspectos éticos e teológicos – Eduardo R. Cruz
N. 122 Direito das minorias e Direito à diferenciação – José Rogério Lopes
N. 123 Os direitos humanos e as nanotecnologias: em busca de marcos regulatórios – Wilson Engelmann
N. 124 Desejo e violência – Rosane de Abreu e Silva
N. 125 As nanotecnologias no ensino – Solange Binotto Fagan
N. 126 Câmara Cascudo: um historiador católico – Bruna Rafaela de Lima
N. 127 O que o câncer faz com as pessoas? Reflexos na literatura universal: Leo Tolstoi – Thomas Mann – Alexander Soljenítsin – Philip Roth – Karl-Josef Kuschel
N. 128 Dignidade da pessoa humana e o direito fundamental à identidade genética – Ingo Wolfgang Sarlet e Selma Rodrigues Petterle
N. 129 Aplicações de caos e complexidade em ciências da vida – Ivan Amaral Guerrini
N. 130 Nanotecnologia e meio ambiente para uma sociedade sustentável – Paulo Roberto Martins
N. 131 A philía como critério de inteligibilidade da mediação comunitária – Rosa Maria Zaia Borges Abrão
N. 132 Linguagem, singularidade e atividade de trabalho – Marlene Teixeira e Éderson de Oliveira Cabral
N. 133 A busca pela segurança jurídica na jurisdição e no processo sob a ótica da teoria dos sistemas sociais de Nicklass Luhmann – Leonardo Grison
N. 134 Motores Biomoleculares – Ney Lemke e Luciano Hennemann
N. 135 As redes e a construção de espaços sociais na digitalização – Ana Maria Oliveira Rosa
N. 136 De Marx a Durkheim: Algumas apropriações teóricas para o estudo das religiões afro-brasileiras – Rodrigo Marques Leistner
N. 137 Redes sociais e enfrentamento do sofrimento psíquico: sobre como as pessoas reconstroem suas vidas – Breno Augusto Souto Maior Fontes
N. 138 As sociedades indígenas e a economia do dom: O caso dos guaranis – Maria Cristina Bohn Martins

N. 139 Nanotecnologia e a criação de novos espaços e novas identidades – Marise Borba da Silva
N. 140 Platão e os Guarani – Beatriz Helena Domingues
N. 141 Direitos humanos na mídia brasileira – Diego Airoso da Motta
N. 142 Jornalismo Infantil: Apropriações e Aprendizagens de Crianças na Recepção da Revista Recreio – Greyce Vargas
N. 143 Derrida e o pensamento da desconstrução: o redimensionamento do sujeito – Paulo Cesar Duque-Estrada
N. 144 Inclusão e Biopolítica – Maura Corcini Lopes, Kamila Lockmann, Morgana Domênica Hattge e Viviane Klaus
N. 145 Os povos indígenas e a política de saúde mental no Brasil: composição simétrica de saberes para a construção do presente – Bianca Sordi Stock
N. 146 Reflexões estruturais sobre o mecanismo de REDD – Camila Moreno
N. 147 O animal como próximo: por uma antropologia dos movimentos de defesa dos direitos animais – Caetano Sordi
N. 148 Avaliação econômica de impactos ambientais: o caso do aterro sanitário em Canoas-RS – Fernanda Schutz
N. 149 Cidadania, autonomia e renda básica – Josué Pereira da Silva
N. 150 Imagética e formações religiosas contemporâneas: entre a performance e a ética – José Rogério Lopes
N. 151 As reformas político-econômicas pombalinas para a Amazônia: e a expulsão dos jesuítas do Grão-Pará e Maranhão – Luiz Fernando Medeiros Rodrigues
N. 152 Entre a Revolução Mexicana e o Movimento de Chiapas: a tese da hegemonia burguesa no México ou "por que voltar ao México 100 anos depois" – Claudia Wasserman
N. 153 Globalização e o pensamento econômico franciscano: Orientação do pensamento econômico franciscano e Caritas in Veritate – Stefano Zamagni
N. 154 Ponto de cultura teko arandu: uma experiência de inclusão digital indígena na aldeia kaiowá e guarani Te'yikue no município de Caarapó-MS – Neimar Machado de Sousa, Antonio Brand e José Francisco Sarmento
N. 155 Civilizar a economia: o amor e o lucro após a crise econômica – Stefano Zamagni
N. 156 Intermitências no cotidiano: a clínica como resistência inventiva – Mário Francis Petry Londero e Simone Mainieri Paulon
N. 157 Democracia, liberdade positiva, desenvolvimento – Stefano Zamagni
N. 158 "Passemos para a outra margem": da homofobia ao respeito à diversidade – Omar Lucas Perrout Fortes de Sales
N. 159 A ética católica e o espírito do capitalismo – Stefano Zamagni
N. 160 O Slow Food e novos princípios para o mercado – Eriberto Nascente Silveira
N. 161 O pensamento ético de Henri Bergson: sobre As duas fontes da moral e da religião – André Brayner de Farias
N. 162 O modus operandi das políticas econômicas keynesianas – Fernando Ferrari Filho e Fábio Henrique Bittes Terra
N. 163 Cultura popular tradicional: novas mediações e legitimações culturais de mestres populares paulistas – André Luiz da Silva
N. 164 Será o decrescimento a boa nova de Ivan Illich? – Serge Latouche
N. 165 Agostos! A "Crise da Legalidade": vista da janela do Consulado dos Estados Unidos em Porto Alegre – Carla Simone Rodeghero
N. 166 Convivialidade e decrescimento – Serge Latouche
N. 167 O impacto da plantação extensiva de eucalipto nas culturas tradicionais: Estudo de caso de São Luis do Paraitinga – Marcelo Henrique Santos Toledo
N. 168 O decrescimento e o sagrado – Serge Latouche
N. 169 A busca de um ethos planetário – Leonardo Boff
N. 170 O salto mortal de Louk Hulsman e a desinstitucionalização do ser: um convite ao abolicionismo – Marco Antonio de Abreu Scapini

N. 171 Sub specie aeternitatis – O uso do conceito de tempo como estratégia pedagógica de religação dos saberes – Gerson Egas Severo
N. 172 Theodor Adorno e a frieza burguesa em tempos de tecnologias digitais – Bruno Pucci
N. 173 Técnicas de si nos textos de Michel Foucault: A influência do poder pastoral – João Roberto Barros II
N. 174 Da mônada ao social: A intersubjetividade segundo Levinas – Marcelo Fabri
N. 175 Um caminho de educação para a paz segundo Hobbes – Lucas Mateus Dalsotto e Everaldo Cescon
N. 176 Da magnitude e ambivalência à necessária humanização da tecnociência segundo Hans Jonas – Jelson Roberto de Oliveira
N. 177 Um caminho de educação para a paz segundo Locke – Odair Camati e Paulo César Nodari
N. 178 Crime e sociedade estamental no Brasil: De como la ley es como la serpiente; solo pica a los descalzos – Lenio Luiz Streck
N. 179 Um caminho de educação para a paz segundo Rousseau – Mateus Boldori e Paulo César Nodari
N. 180 Limites e desafios para os direitos humanos no Brasil: entre o reconhecimento e a concretização – Afonso Maria das Chagas
N. 181 Apátridas e refugiados: direitos humanos a partir da ética da alteridade – Gustavo Oliveira de Lima Pereira
N. 182 Censo 2010 e religiões:reflexões a partir do novo mapa religioso brasileiro – José Rogério Lopes
N. 183 A Europa e a ideia de uma economia civil – Stefano Zamagni
N. 184 Para um discurso jurídico-penal libertário: a pena como dispositivo político (ou o direito penal como "discurso-limite") – Augusto Jobim do Amaral
N. 185 A identidade e a missão de uma universidade católica na atualidade – Stefano Zamagni
N. 186 A hospitalidade frente ao processo de reassentamento solidário aos refugiados – Joseane Mariéle Schuck Pinto
N. 187 Os arranjos colaborativos e complementares de ensino, pesquisa e extensão na educação superior brasileira e sua contribuição para um projeto de sociedade sustentável no Brasil – Marcelo F. de Aquino
N. 188 Os riscos e as loucuras dos discursos da razão no campo da prevenção – Luis David Castiel
N. 189 Produções tecnológicas e biomédicas e seus efeitos produtivos e prescritivos nas práticas sociais e de gênero – Marlene Tamanini
N. 190 Ciência e justiça: Considerações em torno da apropriação da tecnologia de DNA pelo direito – Claudia Fonseca
N. 191 #VEMpraRUA: Outono brasileiro? Leituras – Bruno Lima Rocha, Carlos Gadea, Giovanni Alves, Giuseppe Cocco, Luiz Werneck Vianna e Rudá Ricci
N. 192 A ciência em ação de Bruno Latour – Leticia de Luna Freire
N. 193 Laboratórios e Extrações: quando um problema técnico se torna uma questão sociotécnica – Rodrigo Ciconet Dornelles
N. 194 A pessoa na era da biopolítica: autonomia, corpo e subjetividade – Heloisa Helena Barboza
N. 195 Felicidade e Economia: uma retrospectiva histórica – Pedro Henrique de Morais Campetti e Tiago Wickstrom Alves
N. 196 A colaboração de Jesuítas, Leigos e Leigas nas Universidades confiadas à Companhia de Jesus: o diálogo entre humanismo evangélico e humanismo tecnocientífico – Adolfo Nicolás
N. 197 Brasil: verso e reverso constitucional – Fábio Konder Comparato
N. 198 Sem-religião no Brasil: Dois estranhos sob o guarda-chuva – Jorge Claudio Ribeiro
N. 199 Uma ideia de educação segundo Kant: uma possível contribuição para o século XXI – Felipe Bragagnolo e Paulo César Nodari

N. 200 Aspectos do direito de resistir e a luta socialpor moradia urbana: a experiência da ocupação Raízes da Praia – Natalia Martinuzzi Castilho
N. 201 Desafios éticos, filosóficos e políticos da biologia sintética – Jordi Maiso
N. 202 Fim da Política, do Estado e da cidadania? – Roberto Romano
N. 203 Constituição Federal e Direitos Sociais: avanços e recuos da cidadania – Maria da Glória Gohn
N. 204 As origens históricas do racionalismo, segundo Feyerabend – Miguel Ângelo Flach
N. 205 Compreensão histórica do regime empresarial-militar brasileiro – Fábio Konder Comparato
N. 206 Sociedade tecnológica e a defesa do sujeito: Technological society and the defense of the individual – Karla Saraiva
N. 207 Territórios da Paz: Territórios Produtivos? – Giuseppe Cocco
N. 208 Justiça de Transição como Reconhecimento: limites e possibilidades do processo brasileiro – Roberta Camineiro Baggio
N. 209 As possibilidades da Revolução em Ellul – Jorge Barrientos-Parra
N. 210 A grande política em Nietzsche e a política que vem em Agamben – Márcia Rosane Junges
N. 211 Foucault e a Universidade: Entre o governo dos outros e o governo de si mesmo – Sandra Caponi
N. 212 Verdade e História: arqueologia de uma relação – José D'Assunção Barros
N. 213 A Relevante Herança Social do Pe. Amstad SJ – José Odelso Schneider
N. 214 Sobre o dispositivo. Foucault, Agamben, Deleuze – Sandro Chignola
N. 215 Repensar os Direitos Humanos no Horizonte da Libertação – Alejandro Rosillo Martínez
N. 216 A realidade complexa da tecnologia – Alberto Cupani
N. 217 A Arte da Ciência e a Ciência da Arte: Uma abordagem a partir de Paul Feyerabend – Hans Georg Flickinger
N. 218 O ser humano na idade da técnica – Humberto Galimberti
N. 219 A Racionalidade Contextualizada em Feyerabend e suas Implicações Éticas: Um Paralelo com Alasdair MacIntyre – Halina Macedo Leal
N. 220 O Marquês de Pombal e a Invenção do Brasil – José Eduardo Franco
N. 221 Neurofuturos para sociedades de controle – Timothy Lenoir
N. 222 O poder judiciário no Brasil – Fábio Konder Comparato
N. 223 Os marcos e as ferramentas éticas das tecnologias de gestão – Jesús Conill Sancho
N. 224 O restabelecimento da Companhia de Jesus no extremo sul do Brasil (1842-1867) – Luiz Fernando Medeiros Rodrigues
N. 225 O grande desafio dos indígenas nos países andinos: seus direitos sobre os recursos naturais – Xavier Albó
N. 226 Justiça e perdão – Xabier Etxeberria Mauleon
N. 227 Paraguai: primeira vigilância massiva norte-americana e a descoberta do Arquivo do Terror (Operação Condor) – Martín Almada
N. 228 A vida, o trabalho, a linguagem. Biopolítica e biocapitalismo – Sandro Chignola
N. 229 Um olhar biopolítico sobre a bioética – Anna Quintanas Feixas
N. 230 Biopoder e a constituição étnico-racial das populações: Racialismo, eugenia e a gestão biopolítica da mestiçagem no Brasil – Gustavo da Silva Kern
N. 231 Bioética e biopolítica na perspectiva hermenêutica: uma ética do cuidado da vida – Jesús Conill Sancho
N. 232 Migrantes por necessidade: o caso dos senegaleses no Norte do Rio Grande do Sul – Dirceu Benincá e Vânia Aguiar Pinheiro
N. 233 Capitalismo biocognitivo e trabalho: desafios à saúde e segurança – Elsa Cristine Bevian
N. 234 O capital no século XXI e sua aplicabilidade à realidade brasileira – Róber Iturriet Avila & João Batista Santos Conceição
N. 235 Biopolítica, raça e nação no Brasil (1870-1945) – Mozart Linhares da Silva
N. 236 Economias Biopolíticas da Dívida – Michael A. Peters

N. 237 Paul Feyerabend e Contra o Método: Quarenta Anos do Início de uma Provocação – Halina Macedo Leal
N. 238 O trabalho nos frigoríficos: escravidão local e global? – Leandro Inácio Walter
N. 239 Brasil: A dialética da dissimulação – Fábio Konder Comparato
N. 240 O irrepresentável – Homero Santiago
N. 241 O poder pastoral, as artes de governo e o estado moderno – Castor Bartolomé Ruiz
N. 242 Uma crise de sentido, ou seja, de direção – Stefano Zamagni
N. 243 Diagnóstico Socioterritorial entre o chão e a gestão – Dirce Koga
N. 244 A função-educador na perspectiva da biopolítica e da governamentalidade neoliberal – Alexandre Filordi de Carvalho
N. 245 Esquecer o neoliberalismo: aceleracionismo como terceiro espírito do capitalismo – Moysés da Fontoura Pinto Neto
N. 246 O conceito de subsunção do trabalho ao capital: rumo à subsunção da vida no capitalismo biocognitivo – Andrea Fumagalli
N. 247 Educação, indivíduo e biopolítica: A crise do governamento – Dora Lilia Marín-Díaz
N. 248 Reinvenção do espaço público e político: o individualismo atual e a possibilidade de uma democracia – Roberto Romano
N. 249 Jesuítas em campo: a Companhia de Jesus e a questão agrária no tempo do CLACIAS (1966-1980) – Iraneidson Santos Costa
N. 250 A Liberdade Vigiada: Sobre Privacidade, Anonimato e Vigilantismo com a Internet – Pedro Antonio Dourado de Rezende
N. 251 Políticas Públicas, Capitalismo Contemporâneo e os horizontes de uma Democracia Estrangeira – Francini Lube Guizardi
N. 252 A Justiça, Verdade e Memória: Comissão Estadual da Verdade – Carlos Frederico Guazzelli
N. 253 Reflexões sobre os espaços urbanos contemporâneos: quais as nossas cidades? – Vinícius Nicastro Honesko
N. 254 Ubuntu como ética africana, humanista e inclusiva – Jean-Bosco Kakozi Kashindi
N. 255 Mobilização e ocupações dos espaços físicos e virtuais: possibilidades e limites da reinvenção da política nas metrópoles – Marcelo Castañeda
N. 256 Indicadores de Bem-Estar Humano para Povos Tradicionais: O caso de uma comunidade indígena na fronteira da Amazônia Brasileira – Luiz Felipe Barbosa Lacerda e Luis Eduardo Acosta Muñoz
N. 257 Cerrado. O laboratório antropológico ameaçado pela desterritorialização – Altair Sales Barbosa
N. 258 O impensado como potência e a desativação das máquinas de poder – Rodrigo Karmy Bolton
N. 259 Identidade de Esquerda ou Pragmatismo Radical? – Moysés Pinto Neto
N. 260 Itinerários versados: redes e identizações nas periferias de Porto Alegre? – Leandro Rogério Pinheiro
N. 261 Fugindo para a frente: limites da reinvenção da política no Brasil contemporâneo – Henrique Costa
N. 262 As sociabilidades virtuais glocalizadas na metrópole: experiências do ativismo cibernético do grupo Direitos Urbanos no Recife – Breno Augusto Souto Maior Fontes e Davi Barboza Cavalcanti
N. 263 Seis hipóteses para ler a conjuntura brasileira – Sauro Bellezza
N. 264 Saúde e igualdade: a relevância do Sistema Único de Saúde (SUS) – Stela N. Meneghel
N. 265 Economia política aristotélica: cuidando da casa, cuidando do comum – Armando de Melo Lisboa
N. 266 Contribuições da teoria biopolítica para a reflexão sobre os direitos humanos – Aline Albuquerque
N. 267 O que resta da ditadura? Estado democrático de direito e exceção no Brasil – Giuseppe Tosi
N. 268 Contato e improvisação: O que pode querer dizer autonomia? – Alana Moraes de Souza

N. 269 A perversão da política moderna: a apropriação de conceitos teológicos pela máquina governamental do Ocidente – Osiel Lourenço de Carvalho
N. 270 O campo de concentração: Um marco para a (bio) política moderna – Viviane Zarembski Braga
N. 271 O que caminhar ensina sobre o bem-viver? Thoreau e o apelo da natureza – Flavio Williges
N. 272 Interfaces da morte no imaginário da cultura popular mexicana – Rafael Lopez Villasenor
N. 273 Poder, persuasão e novos domínios da(s) identidade(s) diante do(s) fundamentalismo(s) religioso(s) na contemporaneidade brasileira – Celso Gabatz
N. 274 Tarefa da esquerda permanece a mesma: barrar o caráter predatório automático do capitalismo – Acauam Oliveira
N. 275 Tendências econômicas do mundo contemporâneo – Alessandra Smerilli
N. 276 Uma crítica filosófica à teoria da Sociedade do Espetáculo em Guy Debord – Atilio Machado Peppe
N. 277 O Modelo atual de Capitalismo e suas formas de Captura da Subjetividade e de Exploração Social – José Roque Junges
N. 278 Da esperança ao ódio: Juventude, política e pobreza do lulismo ao bolsonarismo – Rosana Pinheiro-Machado e Lucia Mury Scalco
N. 279 O mal-estar na cultura medicamentalizada – Luis David Castiel
N. 280 Mistérios da economia (divina) e do ministério (angélico). Quando a teologia fornece um paradigma para a filosofia política e esta retroage à teologia – Alain Gignac
N. 281 A Campanha da Legalidade e a radicalização do PTB na década de 1960. Reflexos no contexto atual – Mário José Maestri Filho
N. 282 A filosofia moral de Adam Smith face às leituras reducionistas de sua obra: ensaio sobre os fundamentos do indivíduo egoísta contemporâneo – Angela Ganem
N. 283 Vai, malandra. O despertar ontológico do planeta fome – Armando de Melo Lisboa
N. 284 Renda básica em tempos difíceis – Josué Pereira da Silva
N. 285 Isabelle Stengers No tempo das catástrofes. Quinze questões e um artifício sobre a obras – Ricardo de Jesus Machado
N. 286 O "velho capitalismo" e seu fôlego para dominação do tempo e do espaço – Luiz Gonzaga Belluzzo
N. 287 A tecnologia na vida cotidiana e nas instituições: Heidegger, Agamben e Sloterdijk – Itamar Soares Veiga
N. 288 Para arejar a cúpula do judiciário – Fábio Konder Comparato
N. 289 A Nova Previdência via de transformação estrutural da seguridade social brasileira – Marilinda Marques Fernandes
N. 290 A Universidade em busca de um novo tempo – Prof. Dr. Pe. Pedro Gilberto Gomes
N. 291 Tributação, políticas públicas e propostas fiscais do novo governo – Róber Iturriet Avila e Mário Lúcio Pedrosa Gomes Martins
N. 292 As identidades Chiquitanas em perigo nas fronteiras – Aloir Pacini
N. 293 Mudança de paradigma pós-crise do coronavírus – Fábio Carlos Rodrigues Alves
N. 294 O Mar da Unidade: roteiro livre para a leitura do Masnavi de Rûmî – Faustino Teixeira
N. 295 Função social da propriedade e as tragédias socioambientais de Mariana e Brumadinho: Um constitucionalismo que não é para valer – Cristiano de Melo Bastos
N. 296 O desassossego do leitor: subjetividades juvenis e leitura na contemporaneidade – Maria Isabel Mendes de Almeida
N. 297 Escatologias tecnopolíticas contemporâneas – Ednei Genaro
N. 298 Narrativa de uma Travessia – Faustino Teixeira
N. 299 Efeito covid-19: espaço liso e Bem Viver– Wallace Antonio Dias Silva
N. 300 Zeitgeist pós-iluminista e contrarrevolução cientificista na análise econômica– Armando de Melo Lisboa

N. 301 Educação, tecnologias 4.0 e a estetização ilimitada da vida: pistas para uma crítica curricular– Roberto Rafael Dias da Silva
N. 302 Mídia, infância e socialização: perspectivas contemporâneas - Renata Tomaz
N. 303 A colonialidade do poder no direito à cidade: a experiência do Cais Mauá de Porto Alegre - Karina Macedo Gomes Fernandes
N. 304 Ártico, o canário da mina para o aquecimento global - Flavio Marcelo de Mattos Paim
N 305 A transformação dos atores sociais em produção e recepção:trajeto empírico-metodológico de uma pesquisa - Aline Weschenfelder
N. 306 Impactos Ambientais de Parques Eólicos no Semiárido Baiano: do licenciamento atual a novas perspectivas - Rosana Batista Almeida
N. 307 História de José, O Carpinteiro,como narratividade de Esperança - Patrik Bruno Furquim dos Santos
N. 308 Violências, injustiças e sofrimento humano: o impacto das desigualda-des sociais nas percepções de Martín-Baró, Ricoeur e Nietzsche - Lina Faria e Rafael Andrés Patino
N. 309 Catadores de materiais recicláveis: novos sujeitos de direitos na construção da sustentabilidade ambiental - Mariza Rios e Giovanna Rodrigues de Assis
N. 310 A imagem do pobre nos filmes de Pasolini e Glauber como chave para compreender a ação do capitalismo - Vladimir Lacerda Santafé
N. 311 Aprendizados no campo da metodologia de orientação acadêmica - Faustino Teixeira
N. 312 O Desespero Inconsciente de Kierkegaard: melancolia, preguiça, vertigem e suicídio - Paulo Abe
N. 313 Os Direitos Humanos como parâmetro para as democracias contemporâneas: o caso brasileiro - José Dalvo Santiago da Cruz
N.314 Algoritmização da vida: a nova governamentalização das condutas - Castor M.M. Bartolomé Ruiz
N. 315 Capital e ideologia de Thomas Piketty: um breve guia de leitura - Alexandre Alves
N. 316 "Ecologia com espírito dentro": sobre Povos Indígenas, Xamanismo e Antropoceno - Nicole Soares Pinto
N. 317 A chacinagem dos chiquitanos - Aloir Pacini e Loyuá Ribeiro F. M. da Costa
N. 318 Mestre Eckhart: Deus se faz presente enquanto ausência de imagens e de privilégios - Matteo Raschietti
N. 319 Indígenas nas cidades: memórias "esquecidas" e direitos violados - Alenice Baeta
N. 320 Pindó Poty é Guarani! - Roberto Antonio Liebgott e Aloir Pacini
N. 321 Desbravar o Futuro. A antropotecnologia e os horizontes da hominização a partir do pensamento de Peter Sloterdijk - Rodrigo Petronio
N. 322 A Trajetória Metodológica Suscitadora de Jesús Martín-Barbero - Alberto Efendy Maldonado Gómez de la Torre
N. 323 O capitalismo de crise: lógicas e estratégias de dominação - Luiz Inácio Gaiger
N. 324 O trabalho humano no magistério do Papa Francisco - André Langer
N 325 Uma discussão acerca da liberdade da consciência humana: convergências e divergências entre Kierkegaard e Lutero - Heloisa Allgayer e Rafael Francisco Hiller
N. 326 Técnica e Ética no contexto atual - Oswalfo Giacoia Junior
N. 327 O amor ao próximo como categoria ética em Simone Weil - Ana Lúcia Guterres Dias
N. 328 Uma abordagem da filosofia de Miki Kiyoshi - Fernando Wirtz
N. 329 Yuval Noah Harari: pensador das eras humanas - Rodrigo Petronio
N. 330 O Mundo é um grande Olho que vemos e que nos vê - José Angel Quintero Weir
N. 331 A indecente hermenêutica bíblica de Clarice Lispector - João Melo e Silva Junior
N. 332 Juventudes e as "novas" expressões da participação política - Flávio Munhoz Sofiati

N. 333 A virosfera: aprendendo a viver com o desconhecido - Eben Kirksey
N. 334 Grupo Emaús. 48 anos de resistência e fé libertadora. Volume I - Edward Guimarães, Lúcia Ribeiro e Tereza Pompeia (org.)
N. 335 O Antropoceno e as ruínas da democracia: a condição humana como monstruosidade - Adriano Messias
N.336 Grupo Emaús. 48 anos de resistência e fé libertadora. Volume II - Edward Guimarães, Lúcia Ribeiro e Tereza Pompeia (org.)
N. 337 O Direito e o Avesso - Fábio Konder Comparato
N. 338 Sobre o mecanismo do terrorismo político-fascista: a violência estocástica da serpente do fascismo - Rudá Ricci e Luís Carlos Petry
N. 339 MESOCENO. A Era dos Meios e o Antropoceno - Rodrigo Petronio
N. 340 Religião, Direito e o Redobramento de Ideias - Colby Dickinson
N. 341 Usos do território e as cidades em transformação. Um olhar a partir da Geografia de Milton Santos - Marina Regitz Montenegro
N. 342 Grupo Emaús. 48 anos de resistência e fé libertadora. Volume III - Edward Guimarães, Lúcia Ribeiro e Tereza Pompeia (org.)
N. 343 Raça, etnia, negro, preto ou gênero humano? Conceitos, leitura de mundo e reflexo nas formas de pensar, ser e interagir - Iael de Souza
N. 344 Daqui deste planeta: (t/T)erra deíctica e sazonalidade cosmopolítica - Hilan Bensusan
N. 345 Mundo Invisível: a teia vital sob os nossos pés - Faustino Teixeira (org.)
N. 346 O controle do lazer na sociedade de consumo: reflexões à luz da teoria crítica - Valquíria Padilha e Jean Henrique Costa
N. 347 João Saldanha: um comunista na seleção brasileira de futebol durante o governo militar. Da ditadura à redemocratização. Futebol na sociedade como fator democrático (1966-1990) - Marcelo de Azevedo Zanotti
N. 348 Depois da Inteligência Artificial - Cosimo Accoto, Massimo Di Felice e Eliane Schlemmer
N. 349 Basta de fósseis - Dominic Boyer
N. 350 Capitalismo e saúde mental: causa social, sofrimento privatizado - Iael de Souza, Evaldo Piolli e José Roberto Montes Heloani
N. 351 A transição dos combustíveis fósseis, a crise energética na Europa e a guerra na Ucrânia - Simon Pirani
N. 352 Guerra russa na Ucrânia. Terrorismo energético, ciberguerra e atmoterrorismo - Svitlana Matviyenko
N. 353 Pequena história futura das enchentes do rio Caí - Caio F. Flores-Coelho
N. 354 Por uma agricultura sustentável no Brasil - M. Madeleine Hutyra de Paula Lima
N. 355 A máquina com um rosto humano: da inteligência artificial à senciência artificial - Sylvain Lavelle
N. 356 Filmes em Perspectiva - Faustino Teixeira

UNISINOS